

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
SUL-RIO-GRANDENSE
Câmpus Pelotas

**ENTRE OLHARES DE UM PROCESSO
DE CEGUEIRA**

Juliana Zaffalon Rodrigues

2017

JULIANA ZAFFALON RODRIGUES

ENTRE OLHARES DE UM PROCESSO DE CEGUEIRA

Proposta de dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSul.

Orientador: Prof.^o Dr. Róger Albernaz de Araujo.

PELOTAS

2017

JULIANA ZAFFALON RODRIGUES

ENTRE OLHARES DE UM PROCESSO DE CEGUEIRA

Proposta de dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSul.

Orientador: Prof.^o Dr. Róger Albernaz de Araujo.

Aprovada pela banca examinadora em ___/___/___

Prof.^a Dr.^a Valeska Fortes de Oliveira - UFSM

Prof.^a Dr.^a Viviane Castro Camozzato - UERGS

Prof.^a Dr.^a Clóris Maria Freire Dorow - IFSul

Prof.^a Dr.^a Bárbara Hees Garré – IFSul

Ficha Catalográfica

R696e Rodrigues, Juliana Zaffalon.
Entre olhares de um processo de cegueira / Juliana Zaffalon
Rodrigues. – 2017.
100 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2017.

1. Educação. 2. Cegueira. 3. Diferença. 4. Maquinação. 5. Transcrição. I. Araujo, Róger Albernaz de. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 370.1

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Vivian I. M. Ritta CRB 10/1488
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

À minha mãe.

Agradecimentos

Enfim, chego ao final de mais um potente ciclo na minha vida. Em breve terei em mãos o título de mestre em Educação e não poderia deixar de agradecer.

Sem dúvidas, agradeço primeiramente à minha mãe Marli. Sem ela, a realização deste mestrado não seria possível. Obrigada mãe, por ter me dado todo suporte necessário; por me incentivar a não desistir; por torcer e por acreditar em mim. Obrigada também por ser meu grande exemplo de mulher, de mãe, esposa e de profissional. Te amo tanto, que não consigo mensurar em palavras.

Agradeço também aos meus irmãos Rafael e Raquel e aos meus sobrinhos Duda, Mateus e Henrique e também ao meu cunhado Róbson: à vocês, obrigada por acreditarem em mim e me apoiarem na decisão de seguir a vida acadêmica.

Ao professor, orientador e amigo Róger, primeiramente por te me escolhido como orientanda, essa oportunidade me proporcionou bem mais que um mestrado, mas também, uma grande mudança na minha forma de pensar, agir e ser. Obrigada Róger: pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula; obrigada também por acreditar em mim e por me incentivar. És um grande mestre, tua sabedoria é inspiradora. Serei eternamente grata a ti, por todo respeito, carinho e empenho que dedicastes a mim e ao meu trabalho, que é muito teu também.

Aos colegas e amigos Gladimir, Henriette, Caroline e Dianifer. Agradeço por tornarem o meu mestrado mais leve e feliz. Seja por compartilharem das mesmas angústias, pelas conversas prolongadas, pelos lanches que fizemos juntos, pelo simples fato de estarem sempre dispostos a ajudar uns aos outros. Sinto-me privilegiada por ter encontrado vocês no meio desse caminho maluco e delicioso, que foi o mestrado. Sentirei saudades da nossa convivência. Obrigada, obrigada e obrigada!

Agradeço também as professoras da banca: Valeska, Viviane, Bárbara e Clóris, por terem aceitado participar deste momento tão valioso na minha formação profissional.

RESUMO

O presente trabalho debruça-se sobre um percurso de deslocamentos da pesquisa acerca de outras perspectivas de percepção e de afecção do conceito de cegueira. Nesse sentido, a pesquisa produz uma entrada, a partir do que significa a cegueira no discurso corrente: falta de vista; estado do que é cego; incapacidade de ver; ablepsia; ignorância, obcecação, fanatismo. Então, desloca-se na tentativa de percepção dos modos como a cegueira acontece. Encontra uma posição inferior àqueles considerados normais. Problematiza, se os cegos tem a capacidade de enxergar utilizando outros sentidos: tato, paladar, olfato, audição; que mobilizam outros órgãos, que não, exclusivamente, os olhos; condição de possibilidade de criar imagens de um modo singular. Imaginação, sensações, vivências, que impulsionam a enxergar para além do que os olhos pensam que veem. Com isso foi possível criar cenas, roteiros, movimentos, cores; um processo que sensibilizou a distorção do olhar; uma sensibilidade que excedeu o olhar e disponibilizou ao cego a possibilidade de poder perceber as coisas ao seu redor de diferentes modos, por outros regimes de signos. Percebe-se: não poder ver, não implica necessariamente, não enxergar. Inicialmente, o desejo deste trabalho era o de, por meio de conversas com pessoas caracterizadas como cegas, problematizar o conceito de olhar, como forma de aproximar percepções, sensações e sentidos, acerca da experiência daqueles que são taxados como cegos. Desejava-se entender como as pessoas cegas lidam com o cotidiano, como elas produzem suas relações, como utilizam a tecnologia e as redes sociais. Desejava-se aproximar os processos de subjetivação implicados nestes encontros com o outro, com a música, com os animais, consigo e com um modo singular de olhar a vida. Porém, mais do que responder questões, a pesquisa inventou problematizações; produziu outras perspectivas para as coisas, a partir da visão de quem enxerga para além dos olhos. De algum modo, essa pesquisa, transcende a dualidade cego/vidente, claridade/escuridão, normal/deficiente, em um modo de resistência ao sentido social vigente, que impõe ao cego enxergar pelo modelo daquele que enxerga; A pesquisa aprende com o cego, no acontecimento-cegueira aquilo que os olhos não veem; transcria uma perspectiva de olhar e de pensar, pela qual a cegueira torna-se um processo inerente a qualquer pessoa, seja cega ou vidente. Então, a partir dos procedimentos de pesquisa, o método maquinatório cria “cenas de uma cegueira inventada”, pelas quais problematiza os modos de cegueira que compõem o cotidiano da vida contemporânea.

Palavras-chave: Educação. Cegueira. Diferença. Maquinação. Transcrição.

ABSTRACT

The present work is about a course of dislocations of the research about other perspectives of perception and affection of the concept of blindness. In this sense, the research produces an entrance, from what blindness means in the current discourse: lack of sight; State of the blind; Inability to see; Ablepsia; Ignorance, obsession, fanaticism. Then it shifts in the attempt to perceive the ways in which blindness happens. It finds a position inferior to those considered normal. Problematiza, if the blind have the ability to see using other senses: touch, taste, smell, hearing; Which mobilize organs other than the eyes; Condition of being able to create images in a singular way. Imagination, sensations, experiences, that impel to see beyond what the eyes think they see. With this it was possible to create scenes, scripts, movements, colors; A process that sensitized the distortion of the gaze; A sensibility that exceeded the eye and made it possible for the blind to be able to perceive the things around them in different ways, by other regimes of signs. One realizes: not being able to see, does not necessarily imply, not to see. Initially, the desire of this work was that, through conversations with people characterized as blind, problematizing the concept of looking, as a way of approaching perceptions, sensations and senses, about the experience of those who are taxed as blind. It wanted to understand how blind people deal with everyday, how they produce their relationships, how they use technology and social networks. The processes of subjectivation implied in these encounters with the other, with the music, with the animals, with him and with a singular way of looking at life, were to be approached. However, more than answering questions, the research invented problematizations; Produced other perspectives for things, from the vision of the one who sees beyond the eyes. In a way, this research transcends the blind / seer duality, clarity / darkness, normal / deficient, in a way of resistance to the current social sense, which imposes on the blind to see the model of the seeker; Research learns from the blind in the event-blindness what the eyes do not see; Transcends a perspective of looking and thinking, whereby blindness becomes an inherent process to any person, whether blind or seer. Then, from the research procedures, the machinatory method creates "scenes of an invented blindness", by which it problematizes the modes of blindness that compose the daily life of contemporary life.

Keywords: Education. Blindness. Difference. Machination. Transcription.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Quadro do pintor Esref Armagan.....	47
Figura 2 - Quadro do pintor Esref Armagan.....	47
Figura 3 - Quadro do pintor Esref Armagan.....	48
Figura 4 - “Jason Lee” do pintor John Bramblitt.....	49
Figura 5 - “Old Soul” do pintor John Bramblitt.....	49
Figura 6 - “Mystery Eyes” do pintor John Bramblitt.....	50

SUMÁRIO

1 RABISCOS	15
2 PLANO DE REFERÊNCIA: A CEGUEIRA	19
3 PENSAMENTO DOGMÁTICO ACERCA DA CEGUEIRA.....	22
4 UM ATO DE RESISTÊNCIA AO PENSAMENTO DIALÉTICO	26
5 PERCEPÇÕES, SUBJETIVIDADES E FORMAÇÃO DOS SUJEITOS.....	27
6 O VERBO COMO ALIANÇA.....	31
6.1 Pensamento e linguagem	32
6.2 Quebrando barreiras.....	33
6.3 Linguagem para além do olhar	35
7 VER E NÃO VER	37
8 ACONTECIMENTO E EXPERIÊNCIA	40
9 OUTRAS FORMAS DE ENXERGAR	43
10 PROVOCAÇÃO AOS NORMAIS.....	45
11 NOVA IMAGEM DO PENSAMENTO.....	51
12 R DE RESISTÊNCIA.....	52
12.1 Meus atos de Resistência	52
13 DERRAMES TEXTUAIS	72
14 CENAS DE UMA CEGUEIRA INVENTADA	73
15 MÁQUINA-MÉTODO	85
15.1 Programa de Procedimentos de Pesquisa	87
15.1.1 Desejo de Pesquisa - DP	88
15.1.2 Pensamento de Partida – PP	88
15.1.3 Imagem Dogmática do Pensamento – IDP	89
15.1.4 Método de Invenção – MI.....	90
15.1.5 Reversão da Imagem Dogmática do Pensamento – R(IDP).....	91
15.1.6 Nova Imagem do Pensamento – NIP.....	91
16 CENA DE UMA CARTA PARA O FUTURO	92
17 UMA CENA DE ATÉ LOGO	96
REFERÊNCIAS.....	98

Observe a página seguinte por alguns segundos.
Imerja, mergulhe no breu.
Observe.
Feche os olhos.

Agora, imagine sua vida assim.

*“É preciso sair da ilha para ver a ilha.
Não nos vemos se não saímos de nós.”*

José Saramago

1 RABISCOS

Entrei para o mestrado e, assim como qualquer aluno novo, me vi diante da difícil decisão de escolher a temática da minha dissertação. Inicialmente pensei em trabalhar com o comportamento das pessoas nas redes sociais, o porquê de certas coisas. Mas, estava perdida. Iniciei algumas escritas, mas sem nenhuma empolgação, eu não estava dentro do meu assunto, não estava satisfeita com o que estava fazendo. Até que um dia, indo para o IFSul assistir mais uma aula, ouvi no rádio um relato que me tocou profundamente. Era a carta de um cego que contava como ele sonhava. Na mesma hora vieram à minha mente muitas dúvidas, muitos questionamentos e eu não conseguia parar de pensar naquilo. Percebi então, que a cegueira poderia ser a temática da minha dissertação.

Sendo assim, o presente trabalho não pretende responder a perguntas pré-estabelecidas, e sim poder instigar questionamentos que, de algum modo, possam vir a subverter por provocações sucessivas o que se pensa acerca do cego e da cegueira. Um investimento em um percurso sensível que deseja poder ver para além do olhar. A utilização de outros modos sensitivos como elemento compensatório da falta de visão, faz parte do conhecimento social agregado, cristalizando discursos que reafirmam a habilidade dos cegos em “enxergar” usando seus outros sentidos; utilizando outros órgãos, que não exclusivamente os olhos. Uma formulação que postula que os cegos, mesmo sem poder ver imagens, podem ter a capacidade de criá-las à sua forma, produzindo um modo singular de enxergar. A imaginação, os sentimentos, a sensibilidade, as relações experimentadas e vivenciadas podem aguçar uma outra capacidade de fazer com que se enxergue para além dos olhos, talvez como um modo de superação da representação da imagem vista, pela possibilidade da criação de uma imagem.

A ideia inicial do trabalho foi a de tentar, de alguma forma, mostrar aos videntes como os cegos eram capazes de viver em um mundo que é totalmente visual (pelo menos para mim, que enxergo). Porém, com o desenvolver da pesquisa, fui percebendo que trabalhar sob esta perspectiva seria impossível, pois eu, enquanto vidente, jamais conseguiria me colocar no lugar do sujeito cego, mesmo que eu tentasse. Sendo assim, notei que existem cegueiras que fazem parte da vida de todos, sendo estes cegos ou videntes. E é neste conflito de cegueiras que este trabalho irá se desenrolar.

A sensibilidade humana pode ir além do olhar; os cegos podem ser hábeis em enxergar usando seus outros sentidos. São capazes de enxergar usando o tato, o paladar, o olfato, a audição. Enxergam utilizando outros órgãos que não exclusivamente os olhos; apesar de não verem as imagens são capazes de criá-las à sua forma, enxergando assim de uma maneira bem peculiar; pelo menos assim parece, porém, necessita-se mais bem perceber estas questões. Nossa imaginação, nossos sentimentos, nossa sensibilidade, as coisas que vivenciamos são capazes de nos fazer enxergar para além dos olhos, nos faz criar cenas e imagens, nos faz enxergar de dentro para fora.

As pessoas que enxergam, de uma maneira geral, acham que os cegos são menos capazes do que elas. Acreditam que não ter o sentido da visão os priva de serem pessoas normais. E desta forma tratam os cegos como inferiores e desprovidos de capacidades.

Cada indivíduo é um ser único e cheio de particularidades, cada um possui medos e inseguranças, cada ser possui suas limitações e na maioria das vezes isto não os impede de fazer as coisas. Assim como o personagem Fernão Capelo Gaivota, no romance de Richard Bach (2006), que não aceitava a imposição de que era uma gaivota limitada e lutava bravamente para voar sempre mais alto e além. Fernão Capelo Gaivota venceu suas próprias limitações e provou para si mesmo que era capaz de ser o que quisesse; superou obstáculos, venceu a si mesmo, pois acreditou que podia; ignorou que estava preso a um corpo limitado e foi capaz de ir mais longe do que as outras gaivotas do seu bando. Como diz o autor Richard Bach no livro: “Quebre as correntes de teu pensamento e também irás quebrar as correntes do teu corpo”. Esta sentença pode ser aplicada para qualquer pessoa, sendo ela cega ou não; limitação física alguma pode privar alguém de realizar seus sonhos.

Há neste trabalho uma intenção mais do que antropológica, em que o foco seja somente no sujeito cego, mas também há um foco no processo da cegueira. Pois a própria cegueira gera nas pessoas (cegas ou não) diferentes formas de agir e experimentar o mundo. Inicialmente havia uma intenção e um desejo de compreender a forma de percepção dos cegos sobre as coisas, uma quase necessidade de perceber as singularidades dos cegos, suas diferentes formas de ver o mundo que os cerca, o que os sensibiliza, o que os emociona, como criam as cenas, como entendem os espaços. Desejava-se afinar o olhar e compreender como

que aqueles que não veem se sentem, como eles lidam com os obstáculos do caminho, como conseguem andar sozinhos, como se relacionam com outros cegos e com os não cegos, como utilizam o computador; usam redes sociais? Como entendem os espaços que ocupam; como sabem se é dia ou noite? Como se tornaram cegos? Já nasceram assim? Porém, se compreendeu que enxergar pode ser apenas mais um modo de perceber.

Tentar entender como as pessoas cegas lidam com certas situações cotidianas, como elas utilizam a tecnologia, como se relacionam com a música, com os animais, com o outro. Todos estes questionamentos e tantos outros, tinham como objetivo a minha imersão no mundo dos cegos, para que eu pudesse provocar naqueles que têm ou não visão, um outro olhar, sensível e com muita empatia. Porém, apesar do meu desejo inicial ser o de mergulhar neste mundo totalmente novo, percebi que jamais seria possível para eu perceber as coisas da mesma forma que o sujeito cego, pois é inteiramente impossível para qualquer vidente se apropriar desta situação. Assim como seria impossível para um cego se colocar no lugar do vidente, ocorre o mesmo quando a situação é inversa.

Eu sendo vidente, também não tenho capacidade de explicar como eu enxergo as coisas, como eu sonho, como eu formo imagens e como funciona minha imaginação. Eu também não consigo explicar como eu tenho senso de profundidade ou como utilizo todos meus sentidos; eu simplesmente os tenho e não sou capaz de explicá-los a ninguém.

Muitas inquietudes e diferenciações se fizeram e se fazem em mim desde o ingresso no mestrado, venho costurando no meu eu as diferenças que as leituras podem me trazer, estas costuras vão trazendo para dentro do meu trabalho e para minha vida cotidiana uma nova percepção das coisas, novas vontades, novos desejos, desafios cheios de vida e expectativa. Experimentar um devir-cegueira talvez seja a melhor definição daquilo que desejo. Enxergar com os olhos dos que não veem poderá me fazer valorizar ainda mais aquilo que posso ver e aquilo que ainda não vi. Enxergar de uma outra maneira pode ser a experiência para uma vida repleta de relações mais afirmativas com outras pessoas e com os momentos da vida.

Em suma, o corpus desta pesquisa desafia-se a transcender o caráter antropológico da cegueira, retirando o foco do sujeito cego; àquele sujeito a um conjunto de mecanismos de seleção e classificação do que é a cegueira, e por

consequente, do que é ser cego. Prefere-se uma abordagem genealógica, com a qual se possa perceber, em meio aos mais variados modos de relação, como o cego se torna o que é. Ou seja, aposta-se os dados na possibilidade de mapeamento do processo da cegueira. Deseja-se perceber como e porque a cegueira gera nas pessoas (cegas ou não) diferentes formas de agir e experimentar o mundo, no sentido de uma concepção de visão que venha a transcender o caráter fisiológico do olhar, pela possibilidade da experimentação de um modo de ver, em que enxergar torna-se apenas mais um dos modos possíveis de perceber a si e ao entorno.

Talvez, o ponto de diferenciação dessa pesquisa aconteça pela perspectiva de relação que se compõe enquanto desejo, ou seja, experimentar uma posição de cegueira que permita ver pelos olhos do cego que percebem a tudo que acontece; um devir-cegueira que produz uma visão, não pelo que falta aos olhos ver, e sim, pelo que sobra como potência de criação de um outro modo de ver; um outro estilo de visão; um modo minoritário e artesão que faz da cegueira um modo de vida.

Através da utilização do conceito de “Máquina-método” (De Araujo, 2016) foi tecida a trama desta dissertação, que iniciou com um desejo; desejo este, que ao longo dos estudos, se modificou. Foram seguidos os passos de um Programa de Procedimentos de Pesquisa para que fosse possível construir a escrita e também a criação das “cenas de uma cegueira inventada”; cenas que funcionam como método maquinatório de invenção.

As cenas de uma cegueira inventada surgiram da necessidade de tornar mais visível ao leitor, a ideia central desta pesquisa. São estórias inventadas, que funcionam como impulsionadores de pensamentos; são parte da engrenagem desta máquina-pesquisa. Sem estas cenas, a máquina não entraria em funcionamento. São elas que desacomodam aquilo que está ancorado no mar profundo do senso comum, remexem com aquilo que está, por vezes, imutável e imperceptível. Cutucam a ferida, removem a venda daquilo que está estampado no nosso cotidiano, tornam visível aquilo que vemos, mas preferimos não ver.

2 PLANO DE REFERÊNCIA: A CEGUEIRA

Segundo definição encontrada no site do Instituto Benjamin Constant, o mais renomado centro de referência em deficiência visual do Brasil, é considerado cego aquele que apresenta desde ausência total de visão até a perda da percepção luminosa. Sua aprendizagem se dará através da interação dos sentidos remanescentes preservados. O termo cegueira não é absoluto, pois reúne indivíduos com vários graus de visão residual. Ela não significa, necessariamente, total incapacidade para ver, mas sim prejuízo dessa aptidão (IBC, 2016).

Define-se como deficiência visual a perda total ou parcial da visão, seja ela cognitiva ou adquirida. É um termo empregado para referir-se à perda visual que não pode ser corrigida com lentes por prescrição regular; compreende tanto a cegueira total, ou seja, a perda total da visão nos dois olhos, quanto à visão subnormal, que é uma irreversível e acentuada diminuição da acuidade visual que não se consegue corrigir pelos recursos ópticos comuns. (LEME, 2004). Conforme a condição visual, as pessoas com deficiência visual podem ser consideradas cegas ou pessoas com baixa visão. A cegueira ocorre quando há pequena capacidade de enxergar ou perda total da visão. As pessoas cegas utilizam outros sentidos para sua aprendizagem e desenvolvimento. Com os sentidos do tato, da audição, do olfato e do paladar elas absorvem as informações dos estímulos externos, possibilitando a percepção, análise e compreensão do ambiente (MORAES, 2012).

Para entender a cegueira, é preciso pensá-la como uma limitação perceptiva. Na cegueira, há uma ausência de visão, o que modifica a forma de apreensão do mundo. As pessoas cegas necessitam de outros recursos, não visuais, para estabelecer relações com outros processos perceptivos, cognitivos, o que resultará em uma organização e constituição diferente das subjetividades (SANTOS, 2007).

Para as pessoas que veem, talvez a cegueira seja entendida como dois polos excludentes: ver ou não ver. Culturalmente, são geradores de estigmas, criando às vezes, por parte de quem vê, um sentimento de exclusão e incompreensão aos cegos (SANTOS, 2007).

Segundo dados médico-oftalmológicos, considera-se que as impressões visuais registram-se na memória, aproximadamente, a partir dos seis anos de idade. Não é constatada retenção de qualquer imagem em indivíduos que se tornaram

cegos antes desta faixa etária. Quando uma pessoa perde a visão antes dos seis anos de idade, passa a ser considerada cega congênita, pois é como se já tivesse nascido sem ver (OLIVEIRA, 2002).

Com relação ao ponto de vista médico, do qual a perspectiva educacional se apropria, os cegos não são aqueles que nada enxergam, posto que, frequentemente, as pessoas designadas cegas distinguem o claro do escuro ou podem ver vultos. Precisa-se considerar que a cegueira constitui um tipo de deficiência visual e que esta pode existir em diferentes níveis de perda de visão. Então, não quer dizer que todo deficiente visual seja necessariamente cego (SANTOS, 2007).

A pesquisa de Santos (2007) sugere a possibilidade de existir um tipo de imagem mental que não depende do mundo físico, já que os cegos congênitos fazem associações não visuais com algumas palavras, e as áreas cerebrais envolvidas no processo das palavras sugerem ligação entre linguagem e imagem não visual. Importante para poder pensar que a cegueira é uma forma de perda de visão, mas não a única.

Oliver Sacks, no trecho intitulado “Ver e não ver”, presente no livro “Um antropólogo em Marte” (2006) que diz que o sujeito que não consegue criar uma imagem visual do espaço físico, ou seja, compor um enquadramento instantâneo em perspectiva de paisagem e, dessa forma, determinar a presença de outras pessoas ou objetos, não constrói a noção de espaço. Segundo o argumento do autor, a experiência que o indivíduo tem do espaço se resume a uma experiência visual do espaço. Como não há um repertório de sentidos e conceitos visuais à disposição das pessoas cegas, para Oliver Sacks, elas vivem em “um mundo só de tempo”. Isso, segundo o autor, ocorre porque a referência espacial é constituída a partir de sequências de impressões táteis, auditivas e olfativas, sem apreender visualmente os arranjos e disposições dos objetos e pessoas no espaço. Desta forma, afirma Sacks, “se alguém não consegue ver o espaço, a ideia de espaço torna-se incompreensível”. Porém, contrapõem-se tais reflexões baseadas nas de Maurice Merleau-Ponty (1994) que diz que “não se deve dizer que nosso corpo está no espaço e nem tampouco que ele está no tempo. Ele habita o espaço e o tempo”. E pelo corpo como efetivação de uma consciência, ou melhor, de uma experiência, que há a comunicação com o mundo e com os outros.

Não se pode ignorar que a pessoa com deficiência visual possui uma dialética diferente para registrar e interpretar suas experiências, visto que seus dados sensoriais não provêm da visão, mas sim dos demais sentidos. Entretanto ele possui a capacidade de armazenar dados como qualquer outra pessoa e de criar pontes simbólicas entre dois referenciais (BORTOLINI, 2014). O mundo é percebido de diferentes maneiras por cada pessoa, pois cada uma tem diferentes experiências de vida e diferentes maneiras de percepção das coisas. Portanto, não se pode exigir do cego que ele tenha a mesma concepção/percepção de mundo que os videntes. O cego assimila o mundo de uma forma diferente, não se pode ignorar que, devido a suas condições biológicas e naturais, os cegos partilham das situações de modos diferentes do que os videntes, pois suas existências e experiências não são iguais.

Mas, o que é ver? Para Aristóteles ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento. Ver é este laço entre ver e conhecer, é um olhar que se torna cognoscente e não apenas espectador desatento. Se o olhar usurpa e é usurpado por todos os outros sentidos, no conhecimento sensível, não menos espantoso é que o léxico da visão domine o do conhecimento intelectual, então se diz que cego é aquele que não sabe ler nem escrever, aquele que não tem conhecimento das coisas; é cego quem não pode pensar — saber. Conhecer é clarear a vista, como se o saber permitisse, enfim, olhar. Clarear a vista é ensiná-la a ver os signos da escrita e da leitura. Ver é pensar pela mediação da linguagem. Assim, olhos e palavra não são rivais (CHAUÍ, 1988).

3 PENSAMENTO DOGMÁTICO ACERCA DA CEGUEIRA

O processo da cegueira existe, porém o que é dito e transmitido sobre ela é fabricado. O cego é produzido pelos discursos. Discursos estes que estão presentes nos mais diferentes meios de comunicação: internet, livros, revistas, jornais, televisão e etc. É importante pensarmos que é a partir destas informações que as pessoas irão formar suas opiniões, seus pensamentos e juízos sobre a cegueira. É a partir desta base de valores que surge uma estética representacional de cada indivíduo, baseada em suas relações, na sua formação e em seus assujeitamentos, onde cada um irá formar a sua opinião e percepção sobre a cegueira e sobre os cegos. De algum modo, estes discursos funcionam como cenas dogmáticas de um pensamento sobre a cegueira, que produzem a atualidade do que é a cegueira e, por conseguinte, do que é ser cego.

Neste trecho estão presentes diferentes enunciados, que estão disponíveis para amplo acesso na internet, sobre o que é cegueira e deficiência. É importante pensarmos que estas são as informações que chegam para a grande maioria das pessoas e que, é a partir destas informações que elas irão formar suas opiniões, seus pensamentos e juízos sobre a cegueira. É a partir desta base de valores que surge uma estética representacional de cada indivíduo, baseada em suas relações, na sua formação e em seus assujeitamentos que cada um irá formar a sua opinião e percepção sobre a cegueira e sobre os cegos. De algum modo, estes trechos funcionam como cenas dogmáticas de um pensamento sobre a cegueira, as quais produzem a atualidade do que é a cegueira e, por conseguinte, do que é ser cego.

Chauí, comentando, em sua obra intitulada *Metafísica*, escreve: “Por natureza, todos os homens desejam conhecer. Prova disso é o prazer causado pelas sensações, pois mesmo fora de toda utilidade, nos agradam por si mesmas e, acima de todas, as sensações visuais. Com efeito, não só para agir, mas ainda quando não nos propomos a nenhuma ação, preferimos a vista a todo o resto. A causa disto é que a vista é, de todos os nossos sentidos, aquele que nos faz adquirir mais conhecimentos e o que nos faz descobrir mais diferenças” (CHAUÍ, 1988). Neste trecho, Chauí, a partir de Aristóteles, coloca a visão acima de todos os outros sentidos; como se a visão fosse superior aos demais sentidos existentes.

No site do Instituto Benjamin Constant¹, uma das maiores referências nacionais em deficiência visual, há um link chamado “Um olhar sobre a cegueira” em que inicia da seguinte maneira:

"E a terra era sem forma e vazia: e havia trevas sobre a face do abismo; e o 'Espírito de Deus' se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz. E houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas" (Livro do Gênesis, Capítulo I).

Não raramente, utilizamos a expressão "fechar os olhos" com a acepção de "ignorar" ou "não considerar". Independente do significado empregado, o "fechar os olhos" carrega em si a ideia de que a LUZ precede a Criação e, por que não dizer, nossa percepção do mundo e da própria realidade. A ausência de luz, comumente denominada "TREVAS", seria, por outro lado, associada a coisas como "ignorância", "desordem", "não existência". Esses conceitos encontram-se presentes em nossos arquétipos mais significativos e deles fazemos uso, mesmo sem nos dar conta. Contudo, uma abordagem mais crítica e objetiva acerca das coisas que dizemos e fazemos em nosso dia-a-dia, em nome dessas "ideias pré-concebidas", nos levaria à conclusão de que as mesmas abrigam preconceitos, erros de avaliação. Buscamos a luz e, ao mesmo tempo, nos afastamos dela!

Não são poucos aqueles que encaram a cegueira como sendo uma condição limitadora, ou mesmo incapacitadora. A cegueira é vista sob a ótica do medo. Mantendo-se distante o indivíduo cego, procura-se afastar o receio inconsciente da "privação da luz". O conhecimento puro e objetivo que poderia advir da compreensão da realidade do indivíduo cego é, então, deixado de lado e, mais uma vez, "fecha-se os olhos".

Longe de ser limitado por sua condição, o deficiente visual não deve ser visto como "uma pessoa digna de dó", "uma pessoa desafortunada", "alguém que precisa ser tutelado, assistido em todos os seus atos". Não obstante o fato de que têm necessidades especiais, o deficiente visual apresenta os mesmos sentimentos e aspirações daqueles considerados "videntes" Possui, portanto, potencial que precisa ser estimulado e trabalhado de modo a possibilitar sua integração ao mundo em que vive.

Ainda no site do Instituto Benjamin Constant², há a seguinte denominação para Pessoas Portadoras de Deficiência:

Considera-se Pessoa Portadora de Deficiência (PPD) aquela que apresenta, em caráter permanente, perdas ou reduções de sua estrutura, ou função anatômica, fisiológica, psicológica ou mental, que gerem incapacidade para certas atividades, dentro do padrão considerado normal para o ser humano.

No mesmo site, há também um tópico que se refere à Declaração Universal dos Direitos do Deficiente³ e que diz o seguinte:

¹ Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/?catid=16&blogid=1&itemid=91>. Acesso em fevereiro de 2016.

² Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/?catid=83&blogid=1&itemid=396>. Acesso em fevereiro de 2016.

³ Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/?catid=11&blogid=1&itemid=84>. Acesso em fevereiro de 2016.

A Declaração sobre o Desenvolvimento e Progresso Social proclamou a necessidade de proteger os direitos e assegurar o bem-estar e reabilitação daqueles que estão em desvantagem mental e física. Tendo em vista a necessidade de prevenir deficiências físicas e mentais e de prestar assistência a pessoas deficientes para que elas possam desenvolver suas habilidades nos mais variados campos de atividades e para promover, portanto, quanto possível, sua integração na vida normal.

O Termo "pessoa deficiente" refere-se a quaisquer pessoas incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais;

As pessoas deficientes têm o direito inerente de respeito por sua dignidade humana. As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, têm os mesmos direitos fundamentais de seus concidadãos da mesma idade, o que implica, antes de tudo, o direito de desfrutar de uma vida decente, tão normal e plena quanto possível;

O site Portal Deficientes em Ação⁴ possui outra maneira de explicar as coisas, em momento algum trata o cego como menos apto para fazer as coisas ou como incapaz de realizar tarefas rotineiras, pelo contrário, reforça que deficiência visual não é uma doença e tenta derrubar mitos, preconceitos e inverdades que ainda permeiam a questão da deficiência. No site há um tópico chamado: "Como auxiliar alguém com deficiência visual" que diz o seguinte:

Identifique-se, pergunte se e como a pessoa quer ser ajudada. / Espere que ela segure o seu braço, nunca agarre o braço dela. Oriente-a em relação a obstáculos, como meio-fio, buracos, degraus e outros. / Em lugares estreitos ponha seu braço para trás, para que a pessoa possa segui-lo. / Ao sair de uma sala, informe-a, assim não deixará a pessoa falando sozinha. / Não se intimide de usar palavras como "cego", "veja" ou "olhe". Nem você nem os deficientes podem evitá-las. / Ao explicar direções, seja o mais claro possível e diga quais obstáculos existem naquela direção. / Indique a distância em metros. Exemplo: "dez metros à frente tem uma escada". / Por mais tentador que seja não acaricie um cão guia, pois ele nunca deve ser distraído. / Ao guiar um cego para uma cadeira, direcione suas mãos para o encosto e informe-o se a cadeira tem braços ou não. / Se você não sabe como direcionar essa pessoa, seja franco: "Eu gostaria de ajudar, mas como devo proceder?".

Por último, o site Wikipédia⁵ no trecho "Sociedade e cultura" cita o seguinte:

Diferentes culturas através da história têm retratado a cegueira de formas diferentes; para os gregos, por exemplo, era um castigo dos deuses, para o qual o indivíduo afligido muitas vezes recebia uma compensação na forma do gênio artístico. A literatura judaico-cristã trata a cegueira como um defeito; e só através do amor de Deus uma cura poderia se manifestar,

⁴ Deficientes em Ação. Disponível em: <http://www.deficientesemacao.com/deficiencia-visual>. Acesso em fevereiro de 2016.

⁵ Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cegueira>. Acesso em fevereiro de 2016.

quando os olhos de um indivíduo afligido, entrasse em contato com um homem santo ou relíquia. Quase sem exceção na literatura antiga as pessoas cegas poderiam trazer esta condição sobre si por causa de pecados ou ofensas contra os deuses, mas nunca foram os únicos instrumentos para sua reversão.

É impossível fazer uma generalização sobre como os cegos foram tratados na literatura—eles foram maravilhosos, talentosos, maus, maliciosos, ignorantes, sábios, indefesos, inocentes, ou onerosos dependendo da história—mas sempre a cegueira foi dita como uma perda que deixa uma marca que não se apaga no caráter de uma pessoa.

Mesmo pioneiros no treinamento dos cegos, como Dorothy Harrison Eustis, abrigavam estereótipos negativos sobre eles. Pessoas cegas estavam, em sua opinião, tão acostumadas a esperar dos outros a ponto de serem passivas e melancólicas.

Father Thomas Carroll, que fundou o Carroll Centre for the Blind (Centro para cegos Carroll), escreveu o livro *Blindness: What It Is, What It Does and How to Live with It* (Cegueira: O Que É, O Que Ela Faz e Como Conviver com ela) em 1961. Nele, ele caracteriza a cegueira como sendo 20 perdas, e como a "morte" do indivíduo que enxergava.

Merleau-Ponty (2004), postulava, que ver é ter à distância. O olhar apalpa as coisas, repousa sobre elas, viaja no meio delas, mas delas não se apropria. Resume e ultrapassa os outros sentidos porque os realiza naquilo que lhes é vedado pela finitude do corpo, a saída de si, sem precisar de mediação alguma, e a volta a si, sem sofrer qualquer alteração material (CHAUÍ, 1988).

4 UM ATO DE RESISTÊNCIA AO PENSAMENTO DIALÉTICO

Aquele que deseja provar que a visão é melhor do que a escuridão deseja depreciar o cego e a cegueira. Deseja provar para si mesmo que ser/estar cego é um erro. Opõe-se dialeticamente ao cego, nega a cegueira para afirmar a visão.

O mundo da visão é pura aparência, enquanto que o mundo da cegueira é negado. Ocorre uma oposição entre dois mundos. Mundo cego, mundo visão. Binarismo covarde que nega um para afirmar o outro. O cego é sempre julgado pelo ponto de vista do vidente e de um vidente cada vez menos capaz de enxergar.

O vidente tenta provar a si mesmo, negando o valor do cego, que sua vida é mais virtuosa. Aponta os erros e defeitos, quer corrigir as falhas. Ocorre como uma guerra de vidas. Vida contra a vida. Negação de uma vida pela própria vida.

Não se pode querer ou exigir que o vidente pare de comparar suas vidas com as dos cegos, pode-se querer/pedir uma mudança de ideal, um outro ideal, sentir de um outro modo.

O momento de sentir de outro modo, de mudar de ideal. Não quer dizer que a cegueira é superior à visão, ou vice-versa; Não se quer substituir uma coisa pela outra, quer-se outro ideal em outro lugar, outra maneira de conhecer, outro conceito de cegueira, isto é, uma cegueira que não pretende ser visão, mas uma cegueira com potências e vontades totalmente diferentes.

A visão tem a pretensão de se opor a cegueira, medir e julgar a cegueira. A visão é considerada um juiz, uma instancia suprema. A visão dá a cegueira leis que a separam do que ela pode, que a poupam de agir e proíbem-na de agir. Esta visão que modela, limita e mede a cegueira faz com que a cegueira seja um simples meio a serviço da visão.

Como então transcender o dualismo entre a cegueira e a visão? Em lugar de uma cegueira que se opõe a visão, uma visão que afirme a cegueira. A cegueira seria a força ativa da visão, e a visão o poder afirmativo da vida. Ambos iriam no mesmo sentido, quebrando limites, seguindo-se passo-a-passo um ao outro, no esforço de uma criação nunca vista. Significa descobrir, inventar novas possibilidades de cegueira e de visão. Exprime-se assim a bela afinidade entre cegueira e visão: a visão fazendo da cegueira algo ativo, a cegueira fazendo da visão algo afirmativo (DELEUZE, 1976).

5 PERCEPÇÕES, SUBJETIVIDADES E FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

Neste trecho do trabalho pretende-se fazer pensar no quanto a formação dos sujeitos, suas percepções e subjetividades são permeadas por inúmeros processos sociais e culturais e que estes fatores não são simplesmente intrínsecos de cada sujeito, mas que são construídos historicamente. No que diz respeito à cegueira, vale-se pensar que esta é uma condição que vem sendo tratada de uma forma que coloca o sujeito cego numa posição de inferioridade perante aqueles considerados normais e que por vezes chega a acreditar que o cego é incapaz de perceber o mundo e as coisas que o rodeiam.

Segundo Morin (1987), o termo percepção refere-se a uma série de variáveis que se interpõem entre a estimulação sensorial e a consciência. A percepção é uma atividade cognitiva através da qual percebemos o mundo; tem uma característica bem particular que a diferencia das outras formas de conhecimento; exige a presença do objeto, da realidade a conhecer, exige experiência.

É através dos órgãos dos sentidos que se pode dar conta dos sons, dos sabores, dos aromas, das cores, das formas, das texturas, do frio e do calor. O modo imediato como alguém se apercebe dessas informações pode levar a pensar que a percepção é um ato simples, automático, elementar, intrínseco do ser humano; parece ser algo inato (MORIN, 1987). Contudo, quando se estuda Filosofia e outras áreas do saber, vê-se que as questões sobre a forma acerca de como o ser humano conhece o mundo percorrem a história do pensamento e que esta é construída ao longo dos processos de assujeitamento implicados ao longo de toda existência humana.

Faz-se necessário pensar que cada sujeito apreende o mundo de formas diferentes e que o sujeito não é um elemento passivo: é em efeito à ação do sujeito sobre o meio que as estruturas da percepção e da inteligência vão se construindo (FOUCAULT, 1999). Em outras palavras, o sujeito é ativo na formação das percepções; ele procede a uma organização e significação da realidade de acordo com suas estruturas mentais, aprendizagens, experiências, motivações, aptidões, etc. Para Michel Foucault, o sujeito é construído historicamente. O sujeito é um conceito; uma ideia construída historicamente, que tem seu nascimento na modernidade. Para o autor, o conceito de sujeito que compreende o ser humano

universal está por desaparecer, pois o ser humano não existiu sempre com as mesmas características, ele sofre transformações históricas e se modifica. O sujeito foi inventado e outras formas de concepção de sujeito serão criadas no seu lugar, pois existem diferentes sujeitos em diferentes momentos históricos. Nesse sentido, os processos de subjetivação são aqueles onde ocorre a constituição histórica dos sujeitos. Os sujeitos não são universais, são fabricados ou construídos por diferentes ferramentas: a educação é uma delas. Porém, os sujeitos estão se formando também através de suas outras relações sociais, assim como por outros processos (GALLO, 2014).

Nas palavras de Foucault (2004, p. 277):

O sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social.

Segundo Deleuze (2001), o sujeito é, pois, tão somente duração, persistência no tempo de um conjunto de afirmações e crenças que surgem dos hábitos que classificam o indivíduo e lhe conferem não a identidade, mas uma identidade, que é provisória e que será passível de mudança tão logo mudem as experiências que fazem parte de seus hábitos. O sujeito se constitui no dado, e se o sujeito se constitui no dado, somente há, com efeito, sujeito prático (SOARES; MIRANDA, 2008).

Ou seja, o sujeito não é estável, ele ocupa várias posições e assujeitamentos diferentes. Em cada relação que estabelece, se posicionará de uma forma distinta. Há, então, várias formas de sujeito conforme as relações que este estabelece com os diversos jogos de verdade.

O sujeito se constitui por alguns jogos de verdade, aos quais se encontra assujeitado e também, ao mesmo tempo, com certa margem de liberdade, podendo romper com tal assujeitamento. Os jogos de verdade referem-se a um conjunto de regras de produção da verdade e de mudanças das regras que produzem uma verdade. São chamados de jogos de verdade, por serem um conjunto de procedimentos pelos quais a verdade é instituída e desinstituída pelos sujeitos por meio de práticas de liberdade (FOUCAULT, 2004).

Os jogos de verdade constituem-se em um conjunto de regras de produção e instituição da verdade, bem como de mudanças das regras que produzem a

verdade, como forma de desinstitucionalizá-las pelos sujeitos por meio de práticas de constituição de si. Os jogos de verdade se dão através dos discursos tornados verdadeiros, ou falsos, de acordo com as circunstâncias às quais são proferidos e a maneira pela qual o objeto se relaciona com o sujeito (FOLKES, 2015). Nesse sentido, pode-se dizer que não existe uma verdade universal, a verdade assim como o sujeito é produzida historicamente. A verdade é um efeito das relações de poder, é verdade aquilo que é imposto por algumas pessoas em um determinado momento histórico.

Nas palavras de Deleuze (1991, p. 101):

Se o poder é constituído de verdade, como conceber um “poder da verdade” que não seja mais verdade de poder, uma verdade decorrente das linhas transversais de resistência e não mais das linhas integrais de poder? Como ultrapassar a linha? E se é preciso chegar a vida como potência do lado de fora, o que nos diz esse “de fora” não é um vazio aterrorizante e que essa vida que parece resistir não é mera distribuição, no vazio, de mortes “parciais, progressivas e lentas”? Não se pode mais nem dizer que a vida transforma a vida em destino, num acontecimento “indivisível e decisivo”, mas sim que ela se multiplica e se diferencia para dar a vida as singularidades, conseqüentemente as verdades que essa acredita dever à sua resistência. O que resta então, senão passar por todas essas mortes que precedem o grande limite da própria morte, e que continuam ainda depois? A vida consiste apenas em tomar o seu lugar, todos os seus lugares, no cortejo de um “Morre-se”.

A vida é feita de pequenas mortes diárias. Pequenos atos de resistência, micro decisões baseadas em micro mudanças “internas”. Para Foucault, o lado interno ou lado interior nada mais é do que uma dobra do lado de fora (Deleuze, 1991). Portanto, tudo aquilo que pensamos ou acreditamos fazer parte do nosso íntimo, vem sendo construído ao longo de muitos processos de assujeitamentos e de relações de poder, sejam estas institucionalizadas, entre sujeitos ou de nós para nós mesmos. Todas as relações humanas são relações de poder. O poder pode ser considerado opressor, mas também pode estimular alguma produção ou mudança. Os sujeitos são efeito de um poder disciplinar e de um biopoder.

Pode-se considerar que o tema central da obra de Michel Foucault é “como nos tornamos aquilo que somos”, ou seja, saber como os seres humanos se tornam sujeitos. Para ele, o sujeito é constituído por modos de subjetivação e pelos domínios entre os três eixos: o saber, o poder e a ética. Na perspectiva foucaultiana, o sujeito se constitui através das relações com os outros, com a verdade e consigo mesmo (FOUCAULT, 2010). Esta relação consigo mesmo pode ser denominada de “Cuidado de si”. Segundo Foucault (2004), para se conduzir bem, para praticar

adequadamente a liberdade, era preciso ocupar-se de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo.

O sujeito irá se constituir de uma maneira ativa através das “práticas de si”, as quais não são inventadas pelo próprio indivíduo, mas são esquemas que ele encontra em sua cultura, que lhe são propostos e impostos por esta. As “práticas de si” são um exercício de si sobre si mesmo através do qual o sujeito procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser (Foucault, 2004).

Segundo Félix Guattari (1992), a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo. Sendo assim o cuidado de si é uma importante ferramenta para a constituição do sujeito, pois pode ser entendido como uma espécie de cultivo de si, onde aquele que melhor se conhece, melhor irá direcionar suas práticas de vida. Cuidar-se não só fisicamente, mas também intelectualmente. Conhecer-se eticamente para poder então praticar a liberdade, mesmo que em pequenos atos de resistência. Cultivar a si mesmo e construir sua própria personalidade: uma construção efetiva e ativa do sujeito por ele mesmo, cultivar-se (GALLO, 2014).

Em resumo, pode-se dizer que o sujeito não é um elemento passivo nem nas suas posições enquanto sujeito e nem na formação de suas percepções. O sujeito é ativo na formação das percepções: é em efeito à ação do sujeito sobre o meio que as estruturas da percepção vão se construindo. Ele procede a uma organização e significação da realidade de acordo com suas estruturas mentais, experiências, motivações; de acordo com o meio no qual está inserido e também de acordo com as posições de sujeito que ocupa (GALLO, 2014).

Sendo assim, o sujeito cego apesar de não possuir o senso da visão, forma suas percepções de mundo de uma maneira singular, utilizando-se de outros sentidos para apreender as coisas ao seu redor e para se posicionar enquanto sujeito. Portanto, aquele sujeito cego que é considerado digno de piedade alheia, incapaz, anormal, diferente e coitado é construído através de práticas que o definem desta maneira. Práticas estas que muitas vezes são institucionais, e que irão definir o modo de funcionamento de vida que este sujeito cego terá de seguir, sem muitas vezes lhe dar a possibilidade de decidir o que é melhor para si mesmo.

6 O VERBO COMO ALIANÇA

Segundo Chauí (1988), ver lança-nos para fora. Ouvir volta-nos para dentro. Porém, mais importante do que essa diferença é a afirmação platônica de que a verdadeira causa pela qual recebemos a vista e a audição é estarmos destinados ao conhecimento. Dos dois últimos sentidos mencionados (visão e audição) a visão, considerada como suplemento para as necessidades primeiras da vida e nos seus efeitos diretos, é o sentido superior. Mas para o desenvolvimento da inteligência e suas consequências indiretas, a audição tem precedência. A faculdade da vista, graças ao fato de que todos os corpos são coloridos, traz novidades de multidões de qualidades distintivas de todo tipo, motivo pelo qual é através desse sentido, especialmente, que percebemos os sensíveis comuns, isto é, figura, movimento, grandeza e número. Em contrapartida, a audição anuncia apenas as qualidades distintivas do som e, para alguns animais, também as da voz. Indiretamente, porém, é a audição que mais contribui para o crescimento da inteligência, pois o discurso racional é a causa da instrução porque esta é audível, mas não diretamente e sim indiretamente, pois é composta de palavras e cada palavra é um símbolo-pensamento. Consequentemente, das pessoas destituídas de nascença de um desses sentidos, o cego possui mais capacidade de adquirir conhecimento do que o surdo-mudo.

Como os cegos conhecem o mundo? Como podem saber sobre os objetos sem vê-los? É preciso que toquem ou tenham alguma experiência sensorial sobre os objetos para adquirirem conhecimento sobre eles? Essas questões do permeiam o imaginário social sobre a cegueira e vem sendo objeto de curiosidade e reflexão ao longo da história. A filosofia se ocupou desse tema desde a antiguidade: em alguns períodos entendida como fonte essencial de conhecimento, em outros, descrita como enganosa e ilusória, ou relegada a um estatuto secundário perante a supremacia do espírito e da razão e, mais recentemente, envolvida na busca da superação do dualismo sensibilidade-razão, a visão sempre instigou os pensadores a compreender sua essência e sua relação com o conhecimento (LEME, 2004).

Uma profunda mutação acontece quando passamos da experiência de ver — do olhar à explicação racional dessa experiência — ao pensamento de ver —, quando passamos da percepção ao juízo. Passagem curiosa quando nos

lembramos do nascimento da linguagem do conhecimento intelectual na do olhar e de como a visão servira de paradigma para o pensar. Este parece, agora, neutralizar tudo quanto, na visão, seria rebelde e irreduzível à intelecção. Procedimento que consiste em fazer da própria visão um juízo que põe o visível e o vidente e que esclarece, afinal, por que a filosofia sempre revê tanto interesse pela ilusão (CHAUÍ,1988).

A questão da cegueira remete ao problema da construção do conhecimento pelo ser humano. A falta, desde o início da vida, desse canal de apreensão sensível dos sinais do mundo certamente determina formas singulares de a pessoa cega relacionar-se com a realidade e adquirir conhecimento. Mas essa peculiaridade implica prejuízo na constituição das funções psíquicas superiores necessárias ao conhecimento? (LEME, 2004)

O desenvolvimento da inteligência se faz pela memória e pela experiência e ambas articulam-se à palavra porque esta pode ser transmitida e conservada, enquanto a visão é intransferível e efêmera, ainda que privilegiada para o momento da aquisição do conhecimento (CHAUÍ,1988).

Os especialistas concordam que os primórdios da comunicação na criança que enxerga se estabelecem por meio do olhar. É de se esperar, portanto, que crianças portadoras de deficiências visuais apresentem atraso no desenvolvimento da linguagem, diante da privação total ou parcial da visão, caracterizadas, respectivamente, como cegueira ou baixa visão. É exatamente o que a literatura especializada prevê, caso a criança não seja submetida a estímulos adequados. É inegável, portanto, a importância da linguagem para as pessoas com cegueira, em qualquer estágio da sua vida (NETTO, 2007).

6.1 Pensamento e linguagem

Segundo Vygotsky (1991), para o ser humano pensamento e linguagem têm origens diferentes. Inicialmente o pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual. Suas trajetórias de desenvolvimento, entretanto, não são paralelas - elas cruzam-se. Em dado momento, com cerca de dois anos de idade, as curvas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, até então separadas, encontram-se para, a partir daí, dar início a uma nova forma de comportamento. É a partir deste ponto que o pensamento começa a se tornar verbal e a linguagem racional.

Inicialmente a criança aparenta movimentar a linguagem apenas para interação superficial em seu convívio, mas, a partir de certo ponto, esta linguagem penetra no subconsciente para se constituir na estrutura do pensamento da criança. Para o autor, todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade.

Portanto, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. São isto sim, resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. Conseqüentemente, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve e a história pessoal desta criança são fatores cruciais que vão determinar sua forma de pensar. Neste processo de desenvolvimento cognitivo, a linguagem tem papel crucial na determinação de como a criança vai aprender a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas à criança através de palavras.

Para Vygotsky (1991), um claro entendimento das relações entre pensamento e linguagem é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

Para pessoas com cegueira não é diferente, uma vez que é através da linguagem que eles são capazes de criar cenas e imagens, imaginar cenários e etc. É também através da linguagem que os cegos são capazes de adquirir conhecimento, formar suas opiniões e ter suas percepções sobre os acontecimentos e vivências do cotidiano, pois como dizia Vygotsky: “A palavra vence a cegueira”.

6.2 Quebrando barreiras

Estudos realizados em 2007, na Universidade Federal de Campinas quebraram o paradigma de que crianças com cegueira desde o início da vida teriam dificuldades ou atrasos na aquisição da linguagem. As publicações especializadas dão conta de que o atraso no desenvolvimento da linguagem deve ser maior em cegos do que em portadores de baixa visão, o que parece à primeira vista até lógico.

As pesquisas realizadas na UFC, entretanto, mostram exatamente o contrário: no universo de deficientes visuais acompanhados, 100% dos portadores de baixa visão apresentaram atraso no desenvolvimento da linguagem, índice que cai para 50% entre os cegos. Os estudos mostraram que a cegueira não é impeditiva da aquisição da linguagem, mas ela pode ser limitante se não houver condições favoráveis, como o estímulo constante dos pais e da família (NETTO, 2007).

Naturalizou-se a noção de que a visão é primordial para a aquisição de conhecimento, e que por isso as pessoas cegas tem uma grande impossibilidade “natural” de acesso a grande parte das produções da cultura. Naturalizou-se também a ideia de que o cinema é a arte da imagem, o que se pode questionar, pois embora um filme seja constituído por imagens visuais, há outros elementos que compõem sua significação. Um filme é uma narrativa, e suas significações estão nas relações que se estabelecem entre os signos – relações entre as imagens visuais, entre as imagens visuais e as sonoras, entre essas imagens e a linguagem verbal, entre as cenas, entre as sequências -, portanto, diz respeito à ordem do simbólico, transcendendo a mera sensorialidade das imagens visuais (LEME, 2004).

Só se pode compreender grupos, indivíduos, condutas, hábitos, discursos, a partir da compreensão do contexto em que estão inseridos. Assim, devemos estar alertas para poder compreender as pessoas com deficiência a partir do seu referencial, entendendo suas especificidades e diferenças, seus significados. No que se refere às pessoas cegas, deve-se procurar entender sua relação com o mundo não a partir do referencial das pessoas que veem, mas a partir de sua posição (LEME, 2004).

Se o homem é um ser cultural, se seu psiquismo é de natureza semiótica, então a apreensão do mundo se dá sobre bases simbólicas; não importa qual seja o aporte sensorial de estímulos, o importante é que haja a possibilidade de significar e interpretar. O ser humano, seja cego ou não, adquire conhecimento por meio de sistema de símbolos, sendo o mais importante deles a linguagem e isso é perfeitamente acessível aos cegos. Portanto, o que é essencial para seu desenvolvimento é ter acesso ao convívio social e participar das práticas sociais de seu meio, de modo a apropriar-se das significações que permeiam sua cultura e poder compreender o mundo (LEME, 2004).

6.3 Linguagem para além do olhar

Na perspectiva dos videntes, por exemplo, as designações das cores, das formas de elementos da natureza (plantas, animais, elementos geográficos, geológicos, etc.) estão balizadas em códigos estabelecidos por padrões marcadamente visuais, além da informação conceitual, o que determina uma diferença significativa com relação aos cegos, que não tem a referência visual. Entretanto, o cego vai fazer uso das suas percepções não visuais, constituídas por adaptação à sua compreensão de mundo, nomeando suas impressões, partindo de outros sentidos. A linguagem, seguindo o padrão linguístico compartilhado por cegos e por videntes, marca as diferenças de representações e, ao mesmo tempo, aproxima a tentativa de busca de sentido. Isso possibilita o acesso à outra forma de compreensão do conhecimento que é aprendido pelo cego, embora aponte, também, para a distinção entre este modo de aprendizado na relação com os sentidos do vidente, que é a dominante. Essa dupla significação, dupla condição de significar, parece característica da relação do cego com a língua (SANTOS, 2007).

Há um interjogo entre as coisas e a linguagem, se poderia dizer que a linguagem nos tem, ela nos oferece elementos de nomeação e de significação dos objetos. Para Merleau-Ponty (1971), a linguagem, como o olhar, relaciona-se consigo mesma; há uma reflexão, uma reversibilidade de fala e do que ela significa, assim como o visível capta o olhar, passando a fazer parte dele. Compreender uma frase, diz o autor, implica acolhê-la em seu ser sonoro. O entendido não está na frase, mas consiste na totalidade do que diz; a integral de todas as diferenciações de cadeia verbal, como se a linguagem fosse a voz das coisas.

Jorge Larrosa (2002) afirma que:

As palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente raciocinar ou calcular ou argumentar, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.”

No documentário de 2001, “Janela da alma”, o fotógrafo, filósofo e cego Eugen Bravcar diz que linguagem e imagem estão ligadas. Isto é, o verbo é cego, mas é o verbo que torna as coisas visíveis. O verbo é capaz de nos fazer criar imagens, graças ao verbo, temos a possibilidade de visualizar as imagens criadas. Através de leituras e de diálogos pode-se criar as imagens.

A linguagem e a verbalização são um grande elo entre os cegos e os videntes. Através deles é possível, para o vidente narrar cenas, descrever objetos ou seres e é através disto também, que é possível para o cego criar essas imagens em sua imaginação, torná-las visíveis em suas mentes. Desta forma, de uma maneira única e peculiar os cegos são capazes de enxergar.

A linguagem é considerada uma importante área do comportamento humano. Ela tem um papel fundamental no percurso de desenvolvimento de um indivíduo, uma vez que é um relevante instrumento de intercessão do homem com seu meio social.

É inegável a importância da linguagem nas nossas vidas, sendo ela verbal ou não. É somente através dela que as relações se tornam possíveis. É através da linguagem que formamos nossas percepções, concepções, nossas subjetividades, nossas individualidades. A linguagem é responsável pela formação dos indivíduos, sendo eles cegos ou não.

A fala e a linguagem são de importâncias incalculáveis para o desenvolvimento de pessoas com cegueira, pois funcionam como um valioso elo de comunicação, a grande aliança para que o cego possa ser capaz de entender aquilo que não pode ver com seus olhos. É através da linguagem que o cego tem a possibilidade de criar suas próprias interpretações das cenas e dos objetos. É através da comunicação que o cego tem a possibilidade de ser inserido em qualquer meio. É a linguagem a grande responsável pela diminuição dos afastamentos sociais, é através dela que o cego pode nos mostrar como é ver a vida no escuro.

7 VER E NÃO VER

Oliver Sacks, médico neurologista e autor do livro “Um antropólogo em Marte” (2006) fez neste um capítulo intitulado “Ver e não ver” que conta, entre outras coisas, a história de um homem com cerca de 50 anos de idade, que é cego devido a cataratas desde a mais tenra infância, sendo capaz de enxergar somente alguns reflexos de luz. A história é real e relata as mudanças que uma cirurgia de catarata causou na vida deste homem chamado Virgil.

Imagina-se que logo após o final da cirurgia o cego simplesmente retomará a visão, que os olhos se abrirão, as crostas cairão e o cego receberá a visão. Mas será que é assim tão simples? Não é necessária a experiência para ver? Não é preciso aprender a ver?

Virgil depois da cirurgia de catarata era capaz de ver, porém não de decifrar o que estava vendo, ele estava mentalmente cego, ou agnóstico. Virgil adorava carros, porém não sabia identificá-los pelas suas formas e sim por suas cores e tamanhos, quando queria ver algum carro de perto, precisava tocá-lo. Virgil também não tinha o menor senso de distância e ficou impressionado com o tamanho da lua quando a viu pela primeira vez. Cinco semanas depois da cirurgia, sentia-se com frequência mais incapaz do que se sentia quando era cego. A falta de senso de distância e profundidade o fez perder a confiança e a facilidade de movimento que possuía até então.

Nós, que nascemos com a visão, mal podemos imaginar tal confusão. Já que, possuindo de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo as correlações entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais. Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através de experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes.

O médico neurologista ficou impressionado com o fato de Virgil só olhar, só prestar atenção visualmente, quando chamado ou quando lhe apontavam algo; e não espontaneamente. Sua visão podia ter sido restaurada em grande parte, mas era óbvio que o uso dos olhos, o olhar, estava longe de ser natural para ele que continuava com muitos dos hábitos e comportamentos de um cego.

Não se vê, sente ou percebe em isolamento — a percepção está sempre ligada ao comportamento e ao movimento, à busca e à exploração do mundo. Ver não é suficiente; é preciso olhar também. Embora tenhamos falado, no caso de Virgil sobre uma incapacidade perceptiva, ou agnosia, havia igualmente uma falta de capacidade ou de impulso para olhar, para agir com a visão — uma ausência de comportamento visual. Assim, menciona-se o caso de duas crianças cujos olhos ficaram tampados desde a mais tenra idade e que, quando as vendas foram retiradas aos cinco anos, não tiveram nenhuma reação, não tinham nenhum olhar, pareciam cegas. Fica o sentimento de que essas crianças, que construíram seus mundos com outros sentidos e comportamentos, não sabiam como usar os olhos. O ato de olhar como uma orientação, um comportamento, pode até desaparecer naqueles que ficam cegos já em idade madura, apesar do fato de terem sido olhadores durante toda a vida (SACKS, 2006).

De fato, todas as pessoas que acabam de recobrar a visão têm dificuldades radicais com as aparências, sentindo-se subitamente imersas num mundo que, para elas, pode ser um caos de aparências instáveis, evanescentes, em permanente modificação. Podem sentir-se completamente perdidas, à deriva nesse fluxo de aparências, que para elas ainda não está firmemente ancorado no mundo dos objetos, no mundo do espaço. As pessoas que acabam de recuperar a visão, e que antes dependeram de outros sentidos, são derrotadas pelo próprio conceito de aparência, que, por ser óptico, não tem analogia nos outros sentidos. Nós que nascemos no mundo das aparências (e de suas eventuais ilusões, miragens e enganos) aprendemos a dominá-lo, a nos sentir em casa nele, mas isso é extremamente difícil para alguém cuja visão é recente (SACKS, 2006).

Em sua obra intitulada “Carta sobre os cegos para o uso dos que veem”, presente no livro “Os pensadores” (1979) o filósofo Diderot mantém uma posição de relativismo cultural e epistemológico de que os cegos podem, a sua maneira, construir um mundo completo e suficiente, ter uma identidade cega completa e nenhum sentimento de incapacidade ou inadequação, e que o problema de sua cegueira e o desejo de curá-la, por conseguinte, é nosso, não deles.

Segundo Oliver Sacks (2006) um cego recém-operado é comparado a uma criança ou um bebê, que aprende tudo do zero. Porém, uma criança de colo apenas aprende. É uma tarefa enorme, sem fim, mas que não está carregada de um conflito sem solução. Um adulto que recobra a visão, em contrapartida, tem que fazer uma

mudança radical de um modo sequencial para outro visual-espacial e essa mudança desafia a experiência de toda uma vida. Conflito e crise são inevitáveis se os hábitos e estratégias perceptivos de toda uma vida tem que mudar. Tais conflitos são erguidos no âmago do próprio sistema nervoso, uma vez que o adulto cego de infância, que passou a vida adaptando e especializando seu cérebro, tem que pedir a este que inverta tudo agora. (Além disso, o cérebro de um adulto não tem mais a maleabilidade do de uma criança — esta é a razão por que se torna mais difícil aprender novas línguas ou habilidades com a idade. Mas, no caso de um homem previamente cego, aprender a ver não é como aprender outra língua; é, segundo Diderot (1979), como aprender uma língua pela primeira vez) (SACKS, 2006).

Para aqueles que acabam de ganhar a visão, aprender a ver exige uma mudança radical no funcionamento neurológico e, com isso, uma mudança radical no funcionamento psicológico, no eu, na identidade. A mudança pode ser experimentada literalmente em termos de vida e morte. É preciso morrer como uma pessoa que vê para poder renascer como um cego, e a recíproca é igualmente verdadeira: é preciso morrer como um cego para renascer como uma pessoa que vê. E o limbo entre dois mundos, um morto e outro ser diferente a nascer, que é tão terrível (SACKS, 2006).

Embora a cegueira possa a princípio ser uma terrível perda e privação, isso pode atenuar-se com o passar do tempo, já que se dá uma profunda adaptação, ou reorientação, pela qual o cego reconstitui e se reapropria do mundo em termos não visuais. Ela se torna então um estado diferente, uma forma diferente de ser, com suas próprias sensibilidades, coerência e sentimentos (SACKS, 2006).

8 ACONTECIMENTO E EXPERIÊNCIA

É tempo de romper com o senso comum, de ter o pensamento violentado, é a experiência do “fora”, sugere Deleuze, a partir de suas leituras em Blanchot. Desvios necessários são criados a cada vez para revelar a vida nas coisas. Pensar a cegueira como um processo natural e não como uma “anomalia” poderia ser o primeiro passo para este tipo de experiência; sair do senso comum para gerar novas potências de vida e experimentar algo que possa gerar novas possibilidades (DELEUZE, 2011).

Para Deleuze, Acontecimento é o surgimento do novo. Um Acontecimento pode tornar-se perturbador, porque escapa às categorizações mais tradicionais de que a razão comumente se vale para pensar coisas e estado de coisas, ou seja, vai além delas.

O que seria um acontecimento para àqueles com cegueira? O que os toca a ponto de mudá-los, de fazê-los afirmar a diferença? Um toque, uma canção, uma brisa leve batendo no rosto, os pés tocando no mar, um afago, um chamego. Água quente, água viva. Mãos dadas. Gargalhada solta. Lágrima que rola pela face. Um cheiro. Um sabor. Uma dança. Uma fruta colhida do pé. Perguntas. Respostas. Diálogo. Conversa. Liberdade. Movimento, do corpo e da alma. Movimento da vida. Coreografia. Encenação. Cabelos ao vento. Companhia. Solidão.

A experiência surge de um acontecimento que nos toca. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não

no sentido de sabedoria, mas no sentido de estar informado), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2002).

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece. A quem nada lhe sucede; a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002).

A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. O sujeito da experiência é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera. Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade (LARROSA, 2002).

Há outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. A experiência nada tem a ver com conhecimento ou com informação, a experiência é gerada a partir de algo que nos faz sentir, de um acontecimento que nos faça sentir algo, que nos toque e nos faça diferente daquilo que éramos (LARROSA, 2002).

Então se pode dizer que, o sujeito que se torna cego depois de uma determinada fase da vida adulta terá de passar por inúmeros eventos e acontecimentos para se tornar um sujeito cego por experiência. O mesmo ocorre com aqueles que passam grande parte de suas vidas sem poder enxergar, e que de repente voltam a ver; esta pessoa cega por experiência terá que, ao longo dos acontecimentos que o tocam, tornar-se um vidente por experiência. Pois não basta apenas enxergar, também é preciso de experiência para ver. O acontecimento pode até ser comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.

9 OUTRAS FORMAS DE ENXERGAR

Segundo o médico neurologista Oliver Sacks, em um vídeo do site TED (2009), nós vemos com os olhos, mas também vemos com o cérebro. E ver com o cérebro geralmente é chamado de imaginação, estamos familiarizados com os cenários da nossa própria imaginação, nossos cenários internos e vivemos com eles durante toda vida.

Porém, existem também as alucinações. E elas são completamente diferentes de imaginação. Elas não parecem ser criadas por nós, não parecem estar sob controle, parecem vir do exterior e imitar a percepção. Cerca de 10% das pessoas cegas ou com algum grau de cegueira possui um tipo de alucinação visual, chamada de “Síndrome de Charles Bonnet”, que pode surgir com a deterioração da visão, com a cegueira. Esta síndrome faz com que as pessoas enxerguem várias cenas, como as de um filme. Estas cenas não possuem relação com seus cotidianos ou vivências. Para ter alucinações visuais não é preciso estar completamente cego, apenas suficientemente prejudicado.

Quando você perde a visão ou parte dela, as partes visuais do cérebro não recebem mais sinais e elas se tornam hiperativas e excitáveis e começam a disparar sozinhas, então a pessoa começa a ver coisas. Por medo de uma estética aparente de loucura, ou algo parecido, a maioria das pessoas que possui a síndrome de Charles Bonnet prefere não contar a ninguém.

Nas alucinações desta síndrome, acontecem diferentes tipos de visões. Desde alucinações geométricas, como quadrados ou losangos coloridos ou até alucinações mais elaboradas com figuras e especialmente rostos humanos e desenhos animados. Porém as cenas não interagem com o indivíduo que possui a síndrome. Através de exames específicos pode-se perceber que partes do cérebro visual são ativadas durante as alucinações (o que mostra que não é preciso dos olhos para enxergar).

O documentário “Janela da Alma” (2001) diz que a visão é alterada por sentimentos fortes. Passamos a perceber certos detalhes dependendo do que sentimos no momento. Por exemplo, se temos medo que alguém morra, reparamos em cada detalhe seu, como se pudéssemos eternizar aquela pessoa na nossa memória. O que mostra que todos nós somos criaturas emocionais e todas nossas percepções, sensações e experiências são carregadas de emoções.

A emoção fica codificada na imagem, porém, às vezes a emoção pode ser separada da imagem, algumas pessoas possuem uma síndrome, chamada de “Síndrome de Capgras” que faz com que elas deixem de reconhecer seus afetos (maridos, esposas, filhos, amigos e etc.) e as faz acreditar que estão sendo enganadas. O reconhecimento visual acontece, porém o emocional não, o sentimento de ternura e familiaridade desaparece e então a pessoa entra em contradição e acredita estar sendo enganada, acredita que as pessoas não são quem dizem ser, pois ela os reconhece, mas não sente mais nada por essas pessoas. Isto reforça a ideia de que o reconhecimento, a memória visual e toda forma de percepção devem estar inseparavelmente ligados à emoção (TED, 2009).

Muitas vezes, as pessoas que enxergam sentem pena dos cegos, mal sabem elas que a visão é apenas mais uma forma de sentir. Todos, os que enxergam ou não, possuem um pouco de cegueira. Quantas vezes no nosso cotidiano não somos capazes de enxergar o que está ao nosso redor?

José Saramago questiona no documentário “Janela da Alma” (2001): E se nós fôssemos todos cegos? Pensando bem, nós estamos realmente todos cegos! Cegos da razão, cegos da sensibilidade, cegos de tudo aquilo que não nos faz apenas seres funcionais no sentido da relação humana. Somos seres agressivos, seres violentos, egoístas. O espetáculo que o mundo nos oferece é possivelmente este, um mundo de desigualdade, um mundo de sofrimento sem justificação.

Para Saramago (2001), estamos vivendo, na atualidade a verdadeira “caverna de Platão”, pois vivemos em um mundo audiovisual, porque as próprias imagens que nos mostram a realidade de alguma maneira substituem a realidade. Estamos efetivamente repetindo a situação das pessoas aprisionadas na caverna, olhamos em frente, vemos sombras e acreditamos que estas sombras são a realidade.

10 PROVOCAÇÃO AOS NORMAIS

Segundo Foucault, em seu livro intitulado “Os anormais” (2013) o discurso tem o poder de matar e de produzir verdades; Nele, apresenta as três figuras que constituem o terreno do discurso sobre o “anormal”: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora. Segundo Foucault o “monstro humano” é aquele que constitui em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. O monstro humano combina o impossível com o proibido e, durante boa parte do período medieval, serve como o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias. Mesmo sendo o princípio de inteligibilidade de todas as formas da anomalia, o monstro é, em si, ininteligível ou dotado de uma inteligibilidade tautológica. Neste contexto, o anormal é, no fundo, um monstro cotidiano, um monstro banalizado. O monstro é sempre considerado uma exceção, e qualquer patologia mental, debilidade física ou vício moral poderia ser considerado e nomear o indivíduo desta forma (ALMEIDA, 2006). Pensando por esta perspectiva, existe uma zona de normalidade e todos os sujeitos que não se enquadram nos padrões impostos socialmente, acabam saindo desta zona. Sendo capturados por outras instituições que tem como intuito alocar estes anormais; estas instituições, por vezes acabam por interferir diretamente no modo de vida destas pessoas.

Há, no senso comum, uma idealização de que os cegos dependem dos videntes para tudo, de que não é possível possuírem uma vida normal. Há uma minorização, um sentimento de inferioridade e até mesmo de pena por parte dos videntes para com os cegos. Porém, há inúmeros exemplos de que estes julgamentos não são tão simples assim. Os cegos podem ser capazes de realizar quaisquer tarefas e muitas vezes até de melhor forma do que os videntes.

Em uma reportagem no site EBC⁶ (2012) encontra-se a velocista cega mais rápida do mundo, que é brasileira. A maior medalhista paraolímpica da história do Brasil é mineira, natural de Betim. Terezinha Aparecida Guilhermina nasceu em uma família humilde em março de 1978, com uma doença genética nos olhos chamada retinose pigmentar, que provoca, aos poucos, a perda da visão. Em 2011, ela ganhou o prêmio de Atleta Paraolímpica do Ano. Hoje, ela está entre os principais

⁶ EBC: notícias do Brasil e do mundo. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/09/voce-sabia-que-a-velocista-cega-mais-rapida-do-mundo-e-brasileira>. Acesso em fev. 2016.

nomes do atletismo mundial. Nas paraolimpíadas de Londres (2012), ao lado do guia Guilherme Soares de Santana, Terezinha completou a prova de 200m rasos em 24s82, quebrando seu próprio recorde e conquistando a medalha de ouro. Nas Paraolimpíadas Pequim, na China (2008), ela ganhou além do ouro nos 200m, outras duas medalhas, sendo uma de prata e uma de bronze. Nos Jogos de Atenas, na Grécia, em 2004, ela conquistou uma medalha de bronze. A velocista também tem várias medalhas em outras competições de atletismo. Além de uma excelente atleta, Terezinha está concluindo o curso de graduação em Psicologia.

Há também o exemplo do médico Wilson Alves de Oliveira, que se tornou cego após cinco anos de formatura, em decorrência de um grave acidente de carro. O fato de ele ter perdido a visão não o impediu de seguir trabalhando como médico. O médico atende em sua clínica e também no SUS. Segue sua vida normalmente, foi casado e teve três filhos. Relata que vive sozinho, viaja de avião sozinho, vai ao supermercado, pega táxi e até metrô. Sempre acompanhado de sua bengala (SILVA, 2013).

Em Madrid, na Espanha, há um chef de cozinha que é cego. Cristian Sainz, de 38 anos, perdera a visão aos 18, em um acidente de carro. Mas nunca perdeu o desejo de se tornar um grande cozinheiro; descobriu que ao mesmo tempo em que deixara de enxergar, aguçava os seus outros sentidos. Este aguçamento dos sentidos tornou-se uma orientação para Sainz na cozinha. Foi então que abriu seu restaurante chamado Catranus, O restaurante está aberto a todo tipo de clientela, mas tem facilidades para cegos. Oferece versão em braile dos cardápios e permite a entrada de cães-guias. A cozinha do Catranus tem objetos especializados para cegos. Medidores, balanças com som para indicar o peso e recipientes que vibram, entre outras peças. Sainz, 100% cego, lidera uma equipe de cozinheiros que enxergam. Por isso conta com ajuda principalmente para os detalhes da decoração dos pratos. Inventava as receitas em casa e as repete no restaurante. Faz uma proposta de como decorar, mas deixa este detalhe para os outros cozinheiros (INFANTE, 2007).

Uma reportagem do site Hypheness⁷ mostra um pouco da história de Esref Armagan, que nasceu em 1953, em Istambul na Turquia, cego de nascença faz arte, mesmo sem nunca ter enxergado. Ele é pintor e realiza seu trabalho de uma forma

⁷ Hypheness: Inovação e criatividade para todos. Disponível em: <http://www.hypheness.com.br/2014/02/english-pintor-que-nasceu-sem-enxergar-surpreende-com-quadros-incriveis/>. Acesso em fev. 2016.

diferente, usando uma caneta braile para gravar o esboço, ele aplica tinta a óleo com os dedos e deixa-a secar completamente antes de aplicar uma nova cor. Este método único é aplicado em ordem para que as cores não se misturem formando cores diferentes. Suas telas são criadas sem a ajuda de nenhum assistente. As figuras 1, 2 e 3 mostram um pouco do seu trabalho⁸.



Figura 1: Quadro do pintor Esref Armagan.

Fonte: <https://michelechristine.wordpress.com/pinturas/esref-armagan/>



Figura 2: Quadro do pintor Esref Armagan.

Fonte: <https://michelechristine.wordpress.com/pinturas/esref-armagan/>

⁸ Os quadros do pintor Esref Armagan não possuem nomes, por isto não foram nomeados aqui no trabalho.

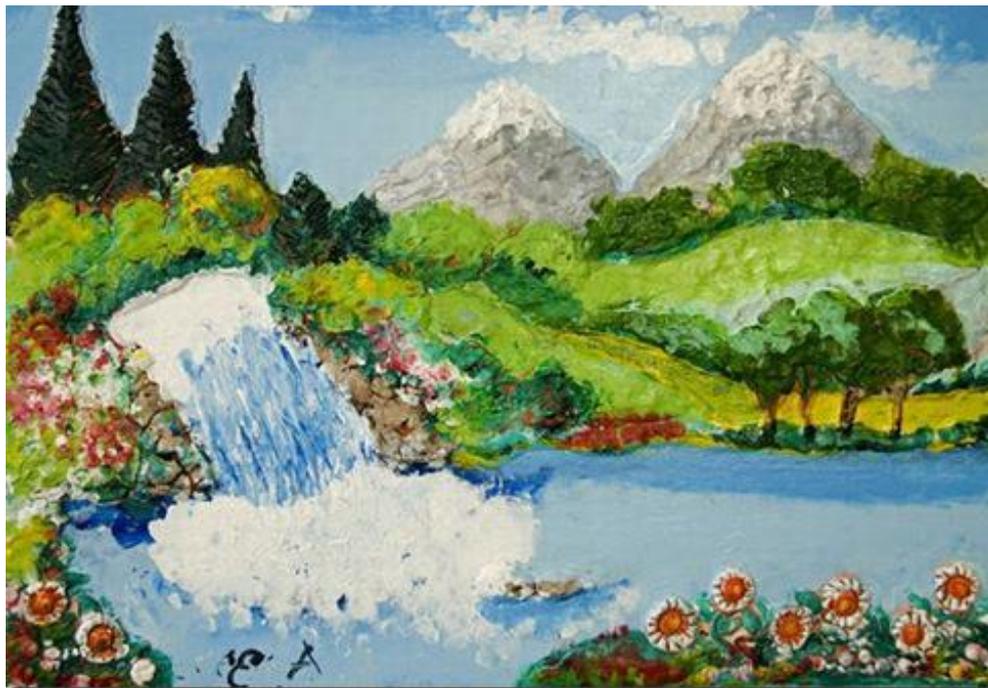


Figura 3: Quadro do pintor Esref Armagan.

Fonte: <https://michelechristine.wordpress.com/pinturas/esref-armagan/>

Ainda no site Hypheness⁹ há a história de um outro pintor cego, um norte-americano chamado John Bramblitt. John perdeu a visão quando tinha 30 anos de idade e quando estava quase entrando em depressão que descobriu a pintura. Para John, o mundo é muito mais colorido agora do que era quando ele enxergava. Bramblitt descobriu ser possível enxergar através do tato, usando a chamada visão háptica. Com uma tinta de secagem rápida, ele consegue sentir na ponta dos dedos a forma que compõe na tela e, com o auxílio de etiquetas em braile nos tubos de tinta, consegue fazer a mistura certa das cores. Ele descobriu, inclusive, que cada cor possui uma textura diferente e, hoje, consegue sentir e enxergar à sua maneira cada quadro que pinta. As figuras 4, 5 e 6 mostram algumas de suas telas.

⁹ Hypheness: Inovação e criatividade para todos. Disponível em <http://www.hypheness.com.br/2015/03/conheca-o-pintor-cego-que-usa-textura-para-criar-obras-incriveis/>. Acesso em fev. 2016.



Figura 4: “Jason Lee” do pintor John Bramblitt.
Fonte: <http://www.bramblitt.net/>



Figura 5: “Old Soul” do pintor John Bramblitt.
Fonte: <http://www.bramblitt.net/>



Figura 6: “Mystery Eyes”do pintor John Bramblitt.
Fonte: <http://www.bramblitt.net/>

11 NOVA IMAGEM DO PENSAMENTO

Diz-se que há uma verdade absoluta, diz-se também que somos desviados dessa verdade por forças maiores (corpo, paixões, interesses sensíveis) e que caímos no erro de tomar o falso como verdadeiro.

No livro Nietzsche e a Filosofia, o autor Deleuze expõe:

Porém, a verdade como conceito é totalmente indeterminada, tudo depende do valor e do sentido do que pensamos. Temos sempre as verdades que merecemos em função do sentido daquilo que concebemos, do valor daquilo em que acreditamos. Pois um sentido pensável ou pensado é sempre efetuado na medida em que as forças que lhe correspondem no pensamento se apoderam também de alguma coisa fora do pensamento” (1976, p.49).

A verdade dá uma certa segurança para as coisas, é amiga da comodidade pois é apenas ciência pura. Uma nova imagem do pensamento significa que o verdadeiro não é elemento do pensamento, o elemento do pensamento é o sentido e o valor. O conceito de verdade é uma construção que irá depender de muitos fatores, culturais e regionais, morais e religiosos (DELEUZE, 1976).

A nova imagem do pensamento surge a partir da arte de pensar, uma arte-pensar crítica. Sabe opor aos valores e aos poderes estabelecidos pelo menos a imagem de um homem livre. Os conceitos e as verdades tem uma relação essencial com o tempo, não são nem eternos e nem históricos, mas intempestivos e sem atualidade (DELEUZE, 1976).

No intempestivo há verdades mais duráveis do que as verdades históricas e eternas reunidas: as verdades do tempo por vir. É preciso que haja algum ato de violência para que se venha a pensar diferente daquilo que se vem pensando. A nova imagem do pensamento implica relações de força extremamente complexas, toda verdade é verdade de um elemento, de uma hora e de um lugar. Temos a verdade que merecemos de acordo com o lugar onde colocamos nossa existência (DELEUZE, 1976).

Pode-se dizer então que a nova imagem do pensamento é gerada a partir de uma relação de forças, é adquirida com aquilo que pode vir a ser. No que tange a cegueira, esta vem sendo entendida da mesma maneira há séculos, porém quando se força a pensar, é possível gerar um novo conceito de cegueira, capaz de vê-la como uma potência, e não mais apenas como uma deficiência ou como uma falta.

12 R DE RESISTÊNCIA

Para Deleuze, "...criar é resistir. É a libertação de uma vida. Não há arte que não seja uma libertação de uma potência de vida. A arte é um movimento de resistência. Nietzsche dizia que a Filosofia prejudica e resiste à estupidez. A Filosofia impede que a estupidez seja tão grande. Criar é resistir efetivamente. O mundo não seria o que é sem a arte..." (DELEUZE, 1988).

A afirmação da resistência implica e envolve a criação da diferença. O ato de criação compõe um percurso pelo desejo de resistir. Resistir, como atitude afirmativa de uma vida, que a cada retorno sobre si, torna possível a produção da diferença (DE ARAUJO, 2016).

12.1 Meus atos de Resistência

Se algum tempo atrás, eu tivesse traçado uma linha do tempo, veria meu passado, minhas escolhas, meus erros e meus acertos; se nesta linha do tempo eu pudesse ver meu futuro e nele estivessem presentes estes pequenos fragmentos soltos, eu jamais diria que são de minha autoria. Pois bem, aqui estou eu, finalizando mais uma etapa desta tão inconstante vida, aqui está a Juliana desnuda em frente às páginas em branco, vestida de letras e versos. Aqui estou puramente presente e estes fragmentos expõem e dispõem, numa ordem cronológica, os pedaços de mim que foram se montando e desmontando para formar esta dissertação.

Posso, humildemente, dizer que estes são os meus atos de resistência poética, minha "arte" exposta aqui como um quadro fica exposto em uma galeria. Estes versos são o meu caos criativo, foram criados em momentos de inércia, quando o confronto com o teclado era travado; foram por muitas vezes o pontapé inicial para longas madrugadas de escrita, ou de tentativa de escrita. Foram a minha forma de desenferrujar os dedos, minha forma de tentar começar e recomeçar a escrita.

Cada pequeno texto esboça um pouco de mim; cada trecho é um risco que forma o contorno da minha silhueta. Cada pequeno parágrafo mostra em quem eu venho me tornando; são as minhas inquietudes, que escorreram pela ponta dos meus dedos. Meu desassossego. Cada letrinha destas é um pedaço de mim. Sou eu, que olhei para dentro de mim e transbordei em pequenos versos tracejados.

I

Penso, leio, penso, leio, penso, penso, penso...
e pareço estar estagnada.

Nada mudou? Ou tudo mudou a ponto de eu não conseguir sair do mesmo lugar. Lugar? Onde? Qual? Porque precisamos de um lugar para estar, para ser, para ter? Não precisamos de um lugar, pois podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo. Somos vários "eus" e estamos em diferentes locais ao mesmo tempo.

Estamos no amor dos pais, estamos no carinho dos irmãos, na lembrança dos amigos, estamos naquela foto, naquele retrato. Estamos naquela lembrança, e também na esperança.

Estamos no passado e também no futuro, estamos aqui e também acolá. Atravessamos o tempo, estamos em constante movimento, mesmo quando estamos parados.

Mudanças, quantas! De um minuto pra cá não sou mais a mesma de um minuto atrás.

Pensamento, nos mantém em movimento. Com ele podemos viajar para qualquer lugar.

Podemos voltar no tempo, basta fechar os olhos e pensar, acreditar que lá estamos. Na infância, quem sabe poder voltar a ser criança não nos faça mais fortes. Força essa que nos mantém vivos, nos mantém ativos, nos mantém aqui e também lá.

Aliás, o que somos afinal? Somos carne, osso e ponto final? Não, somos bem mais que isso... Somos movimento, somos aquilo que vem de dentro, somos muitos, somos vários e infinitos.

Somos tudo e ao mesmo tempo nada. Somos grão de areia, somos pequenos e em constante transformação. Muitas vezes queremos ser aquilo que não somos, e aí lutamos atrás do que queremos ser. Pra quê? Se podemos ser vários, porque querer ser só um? Somos múltiplos. Somos diferente figura em cada local em que estamos. Agimos de forma diferente em cada local ou ambiente ao qual estamos inseridos. E isto é estar vivo.

II

É difícil aplicar no nosso cotidiano aquilo tudo que aprendemos na sala de aula, nos vídeos motivacionais ou naquele livro.

Difícil também é encarar algo novo, ler algo diferente daquilo que estamos acostumados, difícil é tentar entender certos conceitos que em um dado momento não fazem o menor sentido.

É difícil e é bonito.

Como pode uma coisa nova gerar tanto conflito interno?

É bonito porque de repente, assim como um “click”, tudo se ilumina e aquilo que parecia absurda loucura se torna claro, lúcido e começa a fazer sentido.

E quanto mais sentido faz, mais inquieta fica a mente.

E é aí que a máquina encontra combustível para seguir maquinando.

E maquina... Maquina.

III

Ingenuidade a minha não gostar de Filosofia
aos 13 anos.

Filosofia é a arte de perguntar. E não é bom
perguntar?

Pra quê respostas se perguntas podem nos
levar mais longe.

Quantas perguntas podem morar dentro da
gente?

É da pergunta que tudo nasce, as respostas
surgem para nos limitar.

É limites que queremos? Ora, outra pergunta!

Por mais interrogação e menos ponto final.

Ok?

IV

Silêncio... Acomodo dentro de mim aquilo que
não entendo.

Silencio e calo. São tantas inquietudes que não
existem palavras que as exprimam.

Palavras soltas, rabiscos no papel. Adiam o fim
e antecedem o começo.

Aquieto. Inquieto.

Sinto e insisto.

Silencio e cresço.

Enfim, o começo.

Palavras não ditas, tantas coisas escritas e
nada a dizer.

V

Caneta na mão, página em branco.
Pensamento voa, em tão pouco tempo quanta
experiência boa!
Afinar o olhar, aprender a pensar.
Explorar em cada lugar o que há.
Ser mais humana, mais gente, mais sensível
para notar o que poucos veem.
Tocar com a alma, se envolver.
Tecer, criar, pensar.
Se manter em movimento, crescendo,
pensamento.
Pensar, pensar, pensar...viver!

VI

Pra quê tanta vergonha?

A vida é uma só.

Se exponha!

Se der vontade de dançar, dance.

O que os outros pensam nada importa.

Não tenha medo, arrisque e rabisque.

Seja louco!

Ninguém me convence que ser normal é existir.

Eu quero a diferença, quero ser, quero sentir!

VII

Quanto caos pode haver no silêncio?

VIII

Rizoma: Subverte a árvore que é dura, séssil,
estática e previsível.

Árvore é sempre igual, alta, esguia.

Esnobe, tem um porquê na vida... gerar frutos,
oxigênio e fazer sombra.

Já o rizoma é diferente. Esparrama-se. Espalha
a rama, assim como a batatinha quando nasce.

Nasce e renasce a cada encontro, abre, foge,
aprofunda, corta caminho, se esconde,
confunde. Cresce e acontece. Múltiplas raízes
com múltiplos encontros. Sistema aberto, sem
intensão de ser nada e ao mesmo tempo ser
tudo.

Rizomaticamente as teorias se criam, as
escritas acontecem, as coisas se renovam.
Como um rizoma agenciamos ideias múltiplas,
múltiplos encontros, múltiplas possibilidades.

Rizoma é não-finitude!

IX

Crises... Caos... Dor... Hipertensão... Morte...

Surto... Calma... Vida...

Alma... Jogo... Sorte... Corte... Fuga.

Abre aspas.

São as crises as grandes responsáveis pelas
mudanças.

Crises desencadeiam descontentamento.

Descontentamento gera questionamento.

Questionamento cria movimento.

Movimento cria coragem.

Coragem move a vida.

Vida, vira o jogo.

Jogo é questão de sorte.

Quem tem sorte é mais forte.

Força pra seguir em frente.

Suspiro para manter-se vivo.

Garra para enfrentar a dor.

Dores geram crises.

Crises geram mudança.

E é assim que a vida dança.

Fecha aspas.

X

Vivemos em um mundo caótico. Homens bomba, ataques homofóbicos, homens e mulheres decapitados, atentados terroristas. Fome, miséria, pobreza, gente que morre de sede, gente que morre de fome, gente que morre de frio. Guerras santas, em nome de um Deus. Exilados de guerra sem ter para onde fugir, as fronteiras demarcam mais que o mapa, as fronteiras separam os corpos de forma desigual. Hospitais superlotados, presídios superlotados, crianças pedindo nas ruas, crianças fora das escolas, crianças violentadas dentro de suas próprias casas. Estupros coletivos, crimes passionais. Mães que matam seus filhos, filhos que matam seus pais. A cada nova notícia nos jornais um novo choque de realidade, seres humanos são piores que bicho, matam sem escrúpulos, matam por orgulho, por egoísmo, por hábito ou por vontade de matar. Atrocidades acontecem a todo instante e já se tornaram banais. Ser humano não tem piedade, ser humano é individualista, só pensa no seu próprio ego. Ser humano não olha para o lado, ser humano não vê com humanidade. Ser humano não enxerga além do seu próprio umbigo: o mundo é seu próprio umbigo. Danem-se as questões morais, dane-se se a mãe irá sofrer a perda do filho. Dane-se se ela diz não, o que importa é o gozo individual ou coletivo. O que importa é poder ver o vídeo depois e gozar de novo. Dane-se se ela tem família, mãe, pai e filhos. O que importa é que agora o ser humano bicho cheio

de vontade quer foder, o que importa é que a vítima pediu para levar, pois estava sozinha na rua, de saia curta, porque é bonita, porque é feia, porque usava batom vermelho, porque arrumou o cabelo, porque estava perfumada, usava burca, usava bata, tinha tetos e vagina (e isso já é motivo suficiente para ser violentada com razão, por ser estuprada porque pediu). E o ser humano homem lixo filma. E o ser humano homem bicho assiste, compartilha e compactua. Crime compartilhado é crime isento de culpa.

E o ser humano cego assiste a tudo, vê a explosão da boate, vê o amante sacando a arma e engatilhando na cabeça da sua amada mulher propriedade, vê o pedinte no sinal, o assalto a mão armada, vê o pai de família catar latinha no meio do lixo, vê crianças comendo lixo, vê a barragem romper, o político roubar, vê gente passando frio, vê o sofrimento do outro. Assiste a tudo pela sua televisão, ou quando olha pela janela. O ser humano cego vê a dor do outro, mas não a sente. O ser humano cego não se sensibiliza com o sofrimento do outro, enxerga tudo, mas não vê nada. Vê tudo, mas não percebe, não sente. Nada toca o ser humano cego, nada faz o ser humano cego ser diferente. Não percebe, não sente, não sofre. O ser humano cego é aquele ser incapaz de sair do seu casulo, é aquele que só pensa em si mesmo, que só olha para seu próprio umbigo. Não liga para o que o outro sente e não entende que é preciso muita sensibilidade para se transformar em menos

bicho e mais gente, aliás, bicho é melhor que gente. Bicho não transa a força, bicho só mata para sobreviver.

O ser humano é cego no seu egoísmo, no seu individualismo, ser humano não sabe compartilhar, quer tudo para si e os outros que se danem. São frios como icebergs, duros como rochas. Seres humanos bichos lixos gelo pedra. Como diz o ditado popular: “o pior cego é aquele que não quer ver”. O ser humano prefere não olhar, prefere se cegar para o outro, dessa forma se isenta de qualquer responsabilidade. É a cegueira moral que impera nos nossos tempos. Seres humanos vazios de amor, vazios de sensibilidade. Seres humanos cada vez mais insensíveis, mais solitários, introspectivos, ansiosos, psicóticos, cada vez mais fechados, seres humanos cada vez mais cegos ao que se passa ao seu redor. Passam-se muitas coisas, milhões de informações cruzam as nossas telas. Vivemos em tempos de excessos, crises de asma, crises de pânico, divãs lotados. Tempos caóticos. Tempos esquizofrênicos. Humanos cegos pelo excesso de dor.

XI

Momentos de inércia: estagnação.

Repouso nos dedos, revolução no cérebro.

Milhões de pensamentos por minuto, quietude
dos teclados.

Páginas em branco a serem preenchidas: vazio
temporário.

Inércia dolorida: Pensamento e desejo
constante de sair dela.

Ficar parado também faz parte do movimento.

Pensamento constante naquilo que deveria ser
feito; dito, escrito, criado e recriado.

Dor mental.

Culpa? Não!

Receio.

Medo.

Será que consigo?

Será que chegarei ao meu objetivo?

Dor.

Ansiedade.

Talvez o não fazer seja uma forma de não fazer
bem feito.

Procrastinação produtiva.

Rebuliço cerebral.

Sufrimento constante: tortura de si por si
mesmo.

Autocontrole.

Vício.

Ócio.

Há um punhal cravado no meu cérebro:

Deleuze, Nietzsche, Foucault.

Pensamentos repetitivos que se repetem com
contextos diferentes.

Constante ato de estar parado. Morto-vivo.
Gestação do espírito-pensamento.
Morre-se hoje para aquilo que se era ontem.
Vive-se hoje no movimento de sair da inércia.
Escrita é pura vida.
Vive-se quando os dedos resolvem funcionar.
Vive-se quando os dedos escorrem a lágrima
do espírito-pensamento.
Sai-se da inércia para viver, criar e escrever.
Morre-se novamente quando os dedos cessam
a escrita.

XII

Solidão.

Movimento único e só de olhar para dentro de
si.

Momento de misturar-se com que há do lado
de fora.

Somos nós, a nós conosco.

Nossos múltiplos em uma multidão de
silêncios.

Corpo docilizado por si mesmo. Fragilizado
pela dor de estar só e acompanhado ao mesmo
tempo.

Corpo dançarino da noite, preenchido pela
solidão de nunca estar só.

Por sermos sempre tantos, a solidão não
existe.

Solidão é silêncio. É sensação. É casa vazia,
corredor frio e comprido.

Solidão preenche o vazio e solidão faz
companhia.

Solidão é companheira fiel, onde quer que
estejamos ela nos acompanha.

Sente-se só aquele que não se conhece.

Aprecia a solidão aquele que entende que
solidão é poesia.

Solidão não existe para aquele que é repleto de
si.

Solidão é doce encontro: de si com seus
muitos.

A solidão é um encontro com o silêncio.

XIII

Se a vida a afirma a arte, a arte afirma a vida.

Viver a vida é uma obra de arte.

Os dias são poesia. Nem sempre felizes, mas
sempre importantes.

O que seria de nós sem a arte?

A arte de viver, de pensar, de mudar e de
resistir.

Cada dia que se passa é um dia a menos de
vida.

Morremos lentamente, neste paradoxo que é
viver.

Viver é morrer um pouco a cada minuto.

Passamos pelo tempo e ele nos modifica,
física, mental e espiritualmente.

Tempo: santo remédio. Remédio que cura, mas
também mata. Mais um paradoxo da vida.

É por isso que não somos nada e nem tudo.

Estamos sendo isso ou aquilo.

Até que chega o dia em que os paradoxos se
encerram, e a arte de viver, morre.

XIV

Tic-tac; tic-tac; tic-tac.

Barulho constante, Deus chronos batendo na
porta, na janela, no espelho.

Tempo... Tenho todo tempo!

Tic-tac, estampido.

Tempo todo, correndo atrás do relógio.

Barulho irritante: som estridente da mente,
culpada por não correr atrás do relógio.

Caos fantasiado de paz.

Sorriso na cara, pé na areia: cabeça
borbulhante.

Tic-tac, o tempo todo.

O tempo passa o tempo inteiro por nós.

Tic-tac, tempo escorrendo entre as veias.

Tempo passando, mente inquieta, irritada,
calada, pressionada. Será que daí não sai mais
nada?

Tic-tac, ponteiro culpado. Ponteiro que grita,
assusta.

Ponteiro paranoico, assim como dá tempo, tira.

Tic-tac, minutos, horas, dias, semanas, meses.

No sofá e na cama crio raízes.

TV, janela, parede, teto, gesso, cerâmica,
morto, vivo, vespa, poeira, rato. Nada escapa
do tic-tac constante, nem material cortante.

Tic-tac, mundo gira. Cabeça parada.

Tic-tac, quanto tempo ainda tenho?

Tenho tempo de sobra, olha para a fresta!

Ainda rola até mais uma festa.

Tic-tac; tic-tac; tic-tac. Acelera o ponteiro!

Quanto tempo será que perdi? Entre paredes e
poças, lamas e buracos, barcos e botes, beijos
e abraços, livros e blogs, cabelos e coques,

banhos de sol e de mar, comidas, sons,
danças, álcool e cigarros, unhas e dentes...Tic-
tac, olha ele aí de novo!

Voei como um pássaro rastreado, livre porém
sob constante controle; Voo limitado pelo
tempo. Voo livre com hora marcada, retorno
imediatO.

Voei no tempo, passei pelo tempo; foi tão
rápido que nem senti. Quando pisquei já estava
de volta. Pousei sob o comando do Chronos,
mas será mesmo que Chronos existe?

Tic-tac, não escuto mais nada. Será que o
relógio me informou a hora errada?

13 DERRAMES TEXTUAIS

Assim como aquele que dobra a esquina, que sabe seu caminho, de onde veio e para onde vai. Aquele que dobra a esquina veio de algum lugar e vai até outro. Dobram-se as esquinas deixando o resto do caminho para trás, porém, aquilo que ficou, ainda faz parte do percurso. Aqui está a dobra deste trabalho; transbordamentos de ideias no formato de textos, poesias e poemas.

Aqui está o corte, a desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995). O ponto de saída da autora para que ela retorne com as cenas de uma cegueira inventada. Foram necessários esses derrames textuais, para que ela retornasse para o texto com novas possibilidades de criação e escrita. Ocorreu o funcionamento de uma linha de fuga, que gerou a nova vontade de escrita.

A desterritorialização ocorreu na criação dos atos de resistência, com textos, por vezes, esquizofrênicos. Textos que criaram a potência de possibilidade de criação das cenas. Cenas que são o movimento de retorno da autora para a temática; as cenas são a reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995), o retorno ao eixo de textualidade.

Foi necessário sair do foco, para depois retornar a ele com uma nova perspectiva de olhar, com uma nova vontade e com o desejo do ainda não experimentado.

14 CENAS DE UMA CEGUEIRA INVENTADA

Por efeito de mudanças na forma de pensar e agir da pesquisa e da pesquisadora, o conceito de cegueira também se tornou diferente. A cegueira reluta em ser algo físico para ser algo sensível e acessível. Deixa-se de tentar enxergar pelos olhos do cego e passa-se perceber que a cegueira é um processo que perpassa a vida, de cegos ou de videntes. Por essa perspectiva, como método de invenção, foram criadas cenas; para tentar fazer com que o leitor também deixe de enxergar a cegueira enquanto deficiência física e passe a percebê-la enquanto uma potência de vida; perceber que o sujeito cego enxerga por potências através das quais nós videntes, dificilmente iremos conseguir. E também entender a cegueira enquanto processo, que existe tanto para os cegos, quanto para os videntes que se cegam em decorrência de alguns acontecimentos.

Cena 1

Cristina tem 37 anos de idade e alguns relacionamentos conturbados. Aos 16 conheceu Ramon, com quem namorou durante cinco anos. Ramon era um manipulador legítimo, Cristina não possuía liberdade alguma, era quase escrava do namorado. Ramon a obrigou a sair da escola, não a deixava ter amigos, não a deixava trabalhar e se ela saísse de casa precisava fazer um relatório completo com todos os passos dados. Ramon compensava essa escravidão sendo um homem romântico e apaixonado, comprava presentes a toda hora, preparava jantares, fazia surpresas e a levava para passear. Cristina não via problema em possuir uma vida tão limitada, achava que Ramon agia daquela maneira porque a amava muito e não queria perde-la. Até que as atitudes de Ramon começaram a mudar, ele se tornou indiferente, não dizia mais amá-la, não queria mais sair com ela na rua, não preparava mais surpresas. Cristina então desconfia e começa a procurar os motivos de Ramon para tal mudança, descobre que está sendo traída há mais de um ano e então finge que não sabe de nada para não perder o seu relacionamento, até que um dia Ramon decide terminar com o relacionamento. Cristina entra em crise, não consegue

entender porque Ramon agiu assim, entra em depressão, tenta voltar para ele, mas não consegue.

Depois de um ano sozinha, resolve retomar os estudos e entra para faculdade, onde conhece seu novo namorado, João.

João era um galanteador, assim que conheceu Cristina logo a convidou para jantar. Saíram algumas vezes e não demorou muito para que ele a pedisse em namoro. Era um relacionamento muito intenso, em menos de 6 meses Cristina já havia se mudado para o apartamento dele, passou a gostar de tudo que ele gostava e a frequentar somente os lugares onde ele ia. Parou de visitar sua família, vivia somente para agradá-lo. Pouco antes de completarem 1 ano de relacionamento, Cristina descobre uma gravidez. Conta para João com euforia, mas ele se mostra decepcionado com a notícia. Quando Cristina estava com 3 meses de gestação, João pede para que ela saia do apartamento, Cristina volta para casa dos pais e dá a luz a uma menina chamada Júlia. Nunca mais soube notícias de João, que não quis sequer conhecer sua filha.

Júlia completa 4 anos de idade e Cristina termina a faculdade. Depois do João conheceu o Felipe, o Fernando, o Vinícius e muitos outros rapazes, mas foi por Márcio que Cristina se encantou. Márcio era um homem mais velho, pai de dois filhos homens, divorciado duas vezes, estabilizado financeiramente. Eles se conhecem em um bar, Cristina já estava bêbada quando aceitou ir para o apartamento dele, desde então passa a viver em função de Márcio, larga o emprego para se tornar dona de casa e viver para Márcio. Cristina é uma mulher submissa e não se importa com a maneira rude e agressiva com que Márcio trata sua filha Júlia. Cristina só tem olhos para Márcio, e passam-se anos até que Cristina perceba uma diferença muito grande no comportamento da filha. Júlia não era mais a mesma menina carinhosa e doce, Júlia agora era uma criança agressiva que não aceitava os carinhos da mãe ou de qualquer outra pessoa, Júlia possuía roxões pelo corpo, medo e inquietação, evitava olhar e estar no mesmo lugar em que Márcio estava, entrava em pânico toda vez que a mãe a deixava sozinha, se tornou uma criança apática e antissocial.

Estava claro que Júlia estava sendo violentada por Márcio debaixo dos olhos de Cristina. Mesmo que os sinais fossem claros, Cristina fingia não perceber as fortes mudanças da filha e tentava seguir com o seu casamento normalmente, Cristina preferia não ver o que acontecia com a filha para não perder o marido. Preferia se cegar para os fatos do que ter que ficar sozinha outra vez. Cristina não consegue perceber os danos que está causando à vida da sua própria filha, prefere ocultar para si mesmo a situação toda do que ter que lidar contra ela. Cristina é uma mulher cega por escolha própria.

Nesse sentido opta-se por apresentar algumas cenas inventadas, uma dramatização de cenas de uma cegueira. Busca-se assim fugir das representações, daquilo que já é dito e afirmado por algumas verdades hegemônicas. Essas cenas são acontecimentos e tem o intuito de desconstruir o conceito de cegueira vigente, para tentar reconstruí-lo de uma maneira diferente.

Cena 2:

Fabício é advogado e trabalha em uma empresa no centro de São Paulo. É um rapaz do interior e mora na capital há cerca de 10 anos. Logo que chegou à cidade grande se chocou com o grande número de pessoas que viviam nas ruas, debaixo de viadutos, nas beiras das estradas. Crianças seminuas se prostituindo e pedindo esmolas. Pessoas se drogando a luz do dia, roubando para manter seus vícios. Pedintes no farol. Casébres de papelão abrigando famílias inteiras. Pessoas disputando com animais o alimento encontrado no lixo. No início Fabício é fortemente tocado por todas aquelas cenas de dor, no início tenta ajudar de alguma maneira, mas com o passar do tempo, toda aquela dor alheia vai se tornando cada vez mais distante. Fabício já não abre mais o vidro do carro para o menino que vende doces no farol, vira o rosto para não olhar as famílias que vivem na beira da estrada, não passa mais pelas ruas onde há muitos drogados. Não tenta ajudar mais ninguém, se acostumou que aquelas pessoas fazem parte do cenário da cidade grande. Acha natural uns terem tanto e

outros quase nada. Fechou-se no seu mundo e não olha mais para o que se passa ao seu redor. Fabrício é um homem cego por escolha própria.

Criam-se cenas pelo desejo de provocar o pensamento; de resistir àquilo que se diz e se pensa acerca da cegueira. São procedimentos que podem vir a criar novas formas de pensar; cenas preocupadas com o leitor que está por vir, que preparam um dispositivo de interação. Quando o leitor entra em contato com essas cenas, a criação vira ação, toma potência e se cria em uma relação entre drama e leitor.

Cena 3

Augusto possui tudo que um jovem de 18 anos pode querer, é nascido e criado em uma família muito rica. Nunca precisou usar transporte público, estuda na melhor e mais cara escola da sua cidade e pode ter o bem material que quiser a qualquer momento. Porém, desde criança vivia se envolvendo em brigas na escola, era desinteressado nos estudos, repetiu de ano duas vezes. Provocava, humilhava e ridicularizava seus colegas de escola. Augusto não respeitava ninguém: nem os professores, nem os supervisores, nem os colegas e muito menos seus pais. Era prepotente e arrogante, tudo que lhe sobrava em dinheiro, lhe faltava em sensibilidade. Acreditava que deveria ser servido por todos, não aceitava resposta negativa para nenhuma vontade sua. Estava sempre envolvido nos casos de bullying, preconceito e agressão. Seus pais estavam quase sempre ausentes, trabalhavam muito, estavam sempre viajando devido aos negócios da família, sendo assim Augusto foi criado por babás e empregadas, que devido ao seu comportamento arreadio não permaneciam com ele por muito tempo. Augusto não possuía uma referencia de família, uma vez que a ganância dos seus pais vinha em primeiro lugar.

É inicio do último ano de Augusto no ensino médio, novos alunos entram para escola e Augusto começa a pegar no pé do Fred, menino do primeiro ano, dotado de muita inteligência em matemática e um excelente aluno. Fred é obeso e este é o motivo pelo qual Augusto

começa a discriminá-lo e ofendê-lo. Fred é um menino muito calmo e envergonhado, por ser novo na escola tenta se defender de Augusto sozinho e prefere não comentar com ninguém da escola sobre os abusos que vem sofrendo nas mãos do colega mais velho.

De início as ofensas do Augusto eram morais, tentavam ridicularizar Fred com palavras ofensivas. Augusto tenta abalar Fred de todas as maneiras, mas o menino não se deixa abater e finge não se incomodar com as constantes humilhações por parte do colega. Com o passar do tempo as ofensas se tornam mais constantes e graves, até que começam as agressões físicas. Fred prefere se manter em silêncio e se defender da maneira que pode. O jeito passivo de Fred vai deixando Augusto cada vez mais enfurecido e agressivo. Até que um dia, dois meses após o início do ano letivo, Augusto se tranca com Fred no banheiro da escola, começa a agredi-lo e o espanca violentamente até sua morte.

Os pais de Augusto, ao receberem a notícia do ocorrido, contratam os melhores advogados criminalistas que conseguem encontrar brechas nas leis que permitem que o jovem seja liberado. Após a conclusão do processo, a família decide que Augusto vai morar no exterior, ficando assim distante de todo o escândalo que foi gerado pelo filho. Os pais de Augusto não compreendem o motivo das atitudes do filho, afinal, nunca lhe faltou nada. Os pais de Augusto são cegos por escolha.

Pode-se não ser artista, mas se pode fazer artistagens. Pode-se não ser poeta, mas se pode fazer poesia. Pode-se não ser escritora, mas se pode criar histórias. Pode-se não ser cantora, mas se pode criar melodias. Pode-se não ser arqueóloga, mas se pode escavar no campo das ideias. Pode-se não ser artesã, mas se pode criar um novo tipo de arte. Pode-se não ser dançarina, mas fazer coreografia. Coreografar com as ideias, com as palavras, as letras, as frases e as rimas.

Cena 4

É domingo de sol, dia ideal para sair para rua, sentar em alguma praça, jogar conversa fora ou simplesmente descansar. E é isso que Mariana e César decidem fazer, preparam uns sanduíches, pegam o filho de 4 anos de idade e saem para aproveitar o domingo. Decidem ir a um parque próximo a casa deles, lugar bastante arborizado, com bancos e pracinha para que as crianças possam brincar. Chegam cedo e conseguem se sentar em um banco bem próximo a pracinha, assim podem ficar bem acomodados enquanto o filho brinca com as outras crianças do parque.

Tudo corre bem, as crianças brincam e os adultos conversam. Até que chega um louco, rapaz pálido de trinta e poucos anos, roupas sujas e pés descalços. Ele circula por toda praça, parece procurar algum lugar ideal para si, até que encontra: um banco com o encosto quebrado, onde ele sobe, como se estivesse num palanque ou palco. Tira da sua mochila fones de ouvido e os coloca, porém não os liga em nenhuma aparelho. Assim, ele começa a cantarolar a música que vem da sua mente. Canta alto e dança de olhos fechados como se estivesse em êxtase ou transe. As crianças olham e riem um pouco daquilo, mas logo decidem que brincar estava mais interessante e o ignoram. Já os adultos se sentem extremamente incomodados, Mariana e César decidem pegar o filho e saem dali, indignados com a presença do homem.

Porém ele não se incomoda com os olhares de reprovação dos pais e das crianças que estão ao seu redor. E assim segue, cantando e dançando, por horas a fio. O louco se diverte, cantar e dançar para ele é se sentir vivo. O louco está feliz naquele dia de sol, se imagina em um grande palco, no palco de seu show. Ele não se importa com o que dizem ao seu respeito, se o julgam como louco, se o julgam pelas suas roupas ou pela falta dos sapatos. Ele só quer estar ali e viver aquele momento. Ele não precisa de sapatos, pés descalços fazem parte do seu figurino.

Para o louco a opinião alheia não importa mais, faz o que bem entende, vive da maneira que se sente bem. Liberta-se dos padrões e regras que

tornam todos iguais, foge da identidade e vive sua singularidade. Cega-se para a opinião alheia, a consequência dos seus atos é a cegueira por escolha própria.

Somente se cria por uma necessidade (DELEUZE, 1999), sendo assim, estas histórias foram inventadas com a intenção de mostrar os diferentes tipos de cegueira existentes, cegueira esta que vai muito além dos olhos, que está no sentir, no perceber e no desejar. Estas cenas, por vezes fortes, criam a possibilidade de pensar sobre quanto os indivíduos podem ser capazes de ignorar alguns fatos para se proteger, para seguir sendo alheios ao que os cerca e para continuar se isentando de algumas responsabilidades.

Cena 5

Luca é um rapaz de vinte e poucos anos, muito educado e gentil, já entrou em duas faculdades diferentes mas não gostou de nenhuma. Foi quando decidiu cursar odontologia e mudar de cidade. No segundo semestre de faculdade conheceu Giovane e desde então se tornaram muito próximos. Luca não tinha muita “sorte” com as mulheres e seus relacionamentos não duravam muito tempo. Luca sempre se sentia diferente dos outros rapazes da sua idade, mas não entendia bem o porquê. Até que um dia sentiu uma atração muito forte pelo amigo Giovane e então percebeu o porquê de seu estranhamento frente aos outros, descobriu que poderia ser homossexual.

A partir deste momento Luca se fechou para o mundo, caiu em depressão profunda. Sentia-se culpado e errado por gostar de outro homem. Foi criado em uma família extremamente conservadora e religiosa, sempre frequentava grupos da igreja e devido a isto, considerava errado o amor entre pessoas do mesmo sexo. Durante sua depressão se perguntava como ele poderia se livrar de tudo isso que sentia, tentou lutar contra a sua descoberta, se afastou de Giovane, mas percebeu que o problema não estava no amigo, mas sim nele. Com o passar do tempo foi se entendendo melhor, lidando melhor com a culpa e o ressentimento que sentia e afirmou para si mesmo que era homossexual e decidiu mudar de vida.

Luca chamou Giovane para um conversa e revelou o que vinha sentindo, Giovane se espanta com a novidade, diz que não sente nada além de amizade por Luca, mas apoia e incentiva o amigo a assumir sua opção sexual. Após longas horas de conversa Luca decide ir visitar os pais e revelar o verdadeiro motivo por não ter obtido “sucesso” em nenhum relacionamento até então.

Assim que chega à casa dos seus pais, Luca os chama para conversar. Na conversa revela que se descobriu homossexual e que contava com o apoio deles e da família. Os pais de Luca sempre foram muito conservadores, porém a mãe demonstra apoio logo de início e diz que sempre desconfiou do jeito de ser do filho e promete não deixá-lo sozinho. Só que o seu pai se exalta, não admite e se sente ofendido com a revelação do filho. Pede para que mãe e filho finjam que esta conversa nunca tenha acontecido. Isola-se, se nega a acreditar que o filho teve a coragem que ele gostaria de ter tido na sua juventude. Olha para o filho com olhos de reprovação por suas próprias atitudes. Pela falta de coragem de admitir sua opção sexual se cegou por toda a vida e mais uma vez se cega, por não admitir que seu filho seja mais corajoso do que ele foi durante toda sua existência. O pai de Luca é cego por escolha própria.

Com Chauí (1988) pode-se inferir que se fecham os olhos, devido a uma crença ancestral de que a visão depende de nós, muito mais do que dependeria das coisas. Subjetivismo que se reitera quando, diante de algo horrendo, fecham-se os olhos para torná-lo inexistente, atribuindo ao olhar um poder de irrealização que ressurgem quando se diz que o que os olhos não veem, o coração não sente.

Cena 6

Basta sair de casa, caminhar por algumas quadras para vermos muitos animais de rua. Animais em terrenos baldios, procurando comida próximo a lixeiras, dormindo no meio do lixo. Os números são enormes, cachorros dormem enrolados como caracóis, para não morrerem de frio. Vasculham o lixo para não morrerem de fome.

E o que nós, seres humanos, fazemos quanto a isso? Passamos nossos olhos e fingimos não ver. Cegos por escolha, não vemos os animais de rua e os deixamos a mercê da própria sorte.

Essas cenas surgiram do desejo de modificar, mesmo que minimamente, a forma como a cegueira vem sendo entendida. Diferentemente do que evidencia a deficiência visual, a cegueira que se pretende dar a experimentar aqui, é aquela que pode ser vivida por livre escolha: por opção.

Cena 7

João Miguel nasceu cego. Porém, por escolha de seus pais, nunca frequentou instituições voltadas para pessoas com deficiência. Acostumou-se com os deboches e insultos das outras crianças frente as suas dificuldades, mas isso nunca abalou sua autoestima. Apesar da grande preocupação dos seus pais, fazia tudo que os adolescentes da sua idade gostavam de fazer. Usava redes sociais, frequentava as baladas da turma, tinha amigos, acampava com os colegas, tocava violão e gostava de dançar.

João Miguel sabia que possuía uma limitação física, mas isto nunca fez com que ele se sentisse inferior a ninguém. Enfrentou a opinião de todos e decidiu que iria estudar inglês no exterior assim que terminasse o ensino médio.

Conseguiu provar para seus pais e amigos que cegos eram eles, por não acreditarem no seu potencial. E assim João Miguel cegou-se para opinião dos outros e foi realizar seu sonho.

Nestas cenas, são dramatizadas as cegueiras que ocorrem no cotidiano. São inúmeras as razões que fazem com que as pessoas parem de ver/sentir. Os excessos cegam, assim como as faltas também. Excesso de amor, de ódio, de orgulho, de vaidade, de gula, sede, desejo. O desamor, a ganância, a cobiça. O sangue que ferve nas veias ou o sangue de barata. Aquilo que fere com as verdades intrínsecas e absolutas de cada um, cega para as verdades dos outros.

Cena 8

Lúcia era casada desde os 19 anos de idade, morava na mesma casa desde então. Possuía 47 anos e dois filhos homens, era casada com o mesmo marido. Todo o dia acordava antes de todos, preparava o café da manhã e arrumava a casa. Assim que todos saíam para suas tarefas na rua, lavava as roupas e preparava o almoço. Logo em seguida do almoço, lavava as louças e saía para o mercado. Preparava alguma coisa para o lanche da tarde, para esperar os filhos e o marido ao final do dia. Esta vinha sendo sua rotina, há quase 30 anos. Lúcia fez sempre tudo igual e não estava feliz com a vida que vinha levando. Descontava sua tristeza em uma compulsão por comida, era obesa por conta de seus exageros. Não cuidava da sua saúde, não cuidava da sua beleza, não olhava para ela. Somente olhava para seus filhos e para seu marido. Fazia tudo para agradá-los e nada para si. Sentia que possuía uma dívida com o marido, pois ele a sustentava há anos e a tratava bem.

O marido nunca a proibiu de trabalhar, mas sempre que ela falava no assunto ele a convencia de que não era necessário, que ele poderia seguir arcando com as despesas da casa e que ela não precisaria se preocupar com isto. Lúcia acabou se acomodando e não teve coragem de chutar o balde, se tornou uma mulher submissa e triste. Lúcia se tornou a sombra do marido, ela não sabia o que gostava de fazer, não tinha um hobby, nem uma profissão. Se estava bom para seu marido, estava bom para ela também. Tão dependente dele que não fazia nada sozinha, sempre perguntava tudo para ele, perguntava até o que ele gostaria de almoçar no dia seguinte. Lúcia era uma mulher sombra, sem autonomia para nada.

Até que um dia, Lúcia tem um mal súbito e fica paralisada por cinco dias. Nestes dias não conseguia falar, nem se mexer, mas estava consciente de tudo que acontecia ao seu redor. Durante estes dias, sua vida passou na sua mente como um filme e Lúcia conseguia ver o quanto havia deixado de viver e quantas coisas havia deixado de fazer para agradar a família, os filhos e o marido.

Desejava profundamente sair daquela condição, para enfim tentar mudar de vida. Aos poucos foi recuperando os movimentos do corpo e também a fala, até que os médicos a mandaram para casa. Nestes dias hospitalizada, Lúcia pode parar para pensar na forma como vinha lidando com a vida. Somente com o susto ela foi capaz de perceber que poderia ter uma vida mais feliz, percebeu o quanto era cega por pensar somente no bem dos outros, negligenciando o próprio. Decidiu que primeiramente cuidaria de sua saúde, entrou para natação e lá fez algumas amizades. Uma de suas novas amigas da natação a convidou para participar de umas aulas de canto, Lúcia topou e descobriu ali uma nova paixão; cantar. Quando cantava sentia que sua vida finalmente fazia algum sentido.

Foi assim então que Lúcia despertou de uma cegueira de quase 30 anos. Decidiu olhar para si mesma, se amar e se conhecer. Libertou-se da culpa e hoje em dia, porque se ama, consegue amar seu marido e filhos de uma forma mais verdadeira.

Portanto, os procedimentos encontrados para que a máquina-método fosse colocada em ação, e a maquinação efetivamente funcionasse, foram, dentre outros, a criação dessas cenas. Que funcionam como as peças de um jogo que nunca cessa e que surgiram após o retorno da pesquisadora e da pesquisa para a temática central. Esses procedimentos demonstram um modo de funcionamento da máquina-método e tendem a frisar a importância dos questionamentos e afirmações que existem acerca da cegueira; e sua simples classificação quanto deficiência.

Cena 9

A gente sabe que a fome existe, mas não olhamos para ela. Sabemos que existem pessoas em condições de vida degradantes, que consomem nossos restos de comida, nossas roupas velhas, nosso lixo. Sabemos que existem famílias inteiras que se mantêm somente catando lixo. Mas a vida corre normalmente. Seguimos no nosso mundinho, seguimos funcionando no modo automático, não nos

questionamos sobre isto, não pensamos muito sobre o próximo. Pensar dói. Prefiro não, já diria Barteby. Preferimos não pensar para não sentir, não pensar para deixar tudo como está. Quando não sentimos, não percebemos e quando optamos por não perceber nos cegamos e nada fazemos.

A gente sabe que existe a prostituição, basta ir até a esquina mais próxima. Prostituição infantil. A gente denuncia, mas nos dizem que nada pode ser feito. O que fazer então? Fechar os olhos, fingir que não viu.

A gente sabe que aquele mendigo está passando frio, que aquele idoso passa dificuldades no asilo, que aquele menor abandonado não tem muita expectativa de melhorar de vida, que aquele cachorro abandonado pelos donos não vai viver por muito tempo. A gente sabe da luta do catador de latas, a gente sabe da dor daquele sem teto e sem terra. Sabemos da dor do doente na fila do hospital público. Sabemos da luta que os homossexuais e os negros travam diariamente contra os preconceitos da nossa sociedade. A gente sabe, a gente percebe, a gente vê. A gente sabe do vício do drogado e da dor da sua família, a gente sabe o sofrimento da família do criminoso. A gente sabe da luta do desempregado e também daquele aluno que vai para escola somente para merendar. A gente sabe de tudo, a gente percebe tudo. Mas prefere não.

E assim a gente se cega e endurece feito pedra. A gente para de olhar, para parar de sentir. Mão atadas, não sabemos mais como agir. Cegar-se é o que nos resta. E não há nada de errado nisso, estamos apenas vivendo da melhor forma que podemos. Não precisamos carregar o mundo nas nossas costas. Cegar-se para o mundo pode ser uma autodefesa. Quando paramos de olhar, paramos de sentir, quando paramos de sentir, aquela coisa que antes nos incomodava deixa de existir. E é nessa cegueira por opção que vivemos, todos somos cegos. Cegos por escolha própria.

15 MÁQUINA-MÉTODO

De algum modo, as questões concernentes aos modos de se fazer pesquisa suscitam discussões várias, algumas acaloradas, inclusive. O que se coloca, talvez, como uma premissa, que beira o consenso, é que uma pesquisa, acaba por articular um certo modo, um certo método, que acaba por materializar-se pela forma de um discurso metodológico. E, esse certo não se tem colocado à toa, ele delimita e congrega, também, um certo regime de verdade, a partir do qual os acontecimentos são interpretados, classificados e selecionados, como forma de serem valorados. Ou seja, toda a pesquisa assume uma determinada posição, produzindo uma determinada coordenada, que implica a pesquisa em uma determinada perspectiva. E, assim, as ações se têm cercadas e perpassadas por vários imperativos, que delimitam, congregam, coordenam, e também, cercam e perpassam um limite cognitivo acerca do ato de pesquisar. Ações que atendem a determinadas perspectivas de relação, e que não exercem uma posição de neutralidade mas, ao contrário, incitam um modo certo, que determina um certo modo, que passa a funcionar como modelo; ou seja, aquilo que se precipita enquanto certo e, por pressupor esse caráter de verdade, assume a posição de verdadeiro, qual determina, delimita e concebe aquilo que se deve na relação com aquilo que se pode (DE ARAUJO; CORAZZA, 2016).

De mais a mais, nas pesquisas acadêmicas convencionais ou tradicionais, há um rigor acadêmico. Existem regras e caminhos a serem seguidos, onde a metodologia acaba ditando por onde pesquisador e pesquisa devem seguir, a metodologia acaba por conduzir a própria pesquisa. Ocorre a busca por uma garantia do sentido de rigor e de academicidade dos estudos realizados, o que torna comum mais de um pesquisador se utilizar dos mesmos modelos acadêmicos, para que assim possam chegar nos resultados desejados. Existem modelos dispostos em uma série de etapas, os quais indicam quais caminhos devem ser tomados para que a pesquisa seja realizada. Ou seja, por esta perspectiva, a escolha da metodologia caracteriza e explicita um ideal de pesquisa e pesquisador e define, não somente uma referencia teórica, mas também, um conjunto de valores que vem a compor o regime de verdade da pesquisa e do pesquisador (DE ARAUJO, 2016).

Porém, neste procedimento metodológico, talvez seja possível subverter esta lógica dominante. Neste método não há um caminho a ser seguido, não há também

a intensão de responder àquelas perguntas previamente determinadas, as quais geralmente já se sabem as respostas e deseja-se apenas confirmá-las. Nesta metodologia, acredita-se que pesquisador e pesquisa formam-se e transformam-se juntos, num processo de dupla articulação. Há um desejo de motivar o pensamento, de instigar, problematizar e questionar.

Pode-se então reverter a estética da pesquisa acadêmica contemporânea, a partir de um percurso que não procure responder as questões a priori, mas que vá se formando ao longo da pesquisa e para que se possa mostrar as perguntas e respostas que surgirem no meio do percurso e não ir atrás de uma verdade absoluta.

Esse estudo deseja transcender o duelo que pode haver entre duas partes antagônicas; romper com o pensamento dialético, dualista; quebrar com a rivalidade entre verdadeiro e falso, sim e não, cegueira e visão; e também com aquilo que assume uma posição em detrimento de outra. Sendo assim, deseja-se produzir um trabalho que se afirme pelo movimento de produção e não pelos valores que delimitam previamente o sentido e a direção do movimento. Um trabalho que deseja, através do movimento de criação de cenas dramáticas de uma cegueira, poder estimular uma nova forma de pensar a cegueira.

Porém, para que este tipo de pesquisa seja possível, faz-se necessário apropriar-se de um “Plano de Referência”, que é onde pesquisa e pesquisador produzirão suas verdades. É o que estabelece o desenho de um determinado território com o qual se deseja relação. Desta forma, gera-se a possibilidade de que pesquisador e pesquisa orientem seu trajeto, não se indica aonde pesquisador e pesquisa devem ir, muito menos de que modo, mas aguça-se o desejo de que se coloquem e se percebam em movimento de pesquisa, o mais breve possível. O desejo será o ponto de entrada para que surja a relação com uma determinada temática. É através da temática que se torna possível produzir os encontros com os prováveis achados da pesquisa, inclusive aqueles que se compõem pela afirmação de encontros inusitados (DE ARAUJO, 2016).

Talvez, a própria escolha de qual metodologia seguir já componha uma inevitável problemática. Pode-se dizer também que a questão metodológica compõe um corpo de desejo, que permeia o percurso da pesquisa, fornecendo o ritmo de cada movimento, antes mesmo do primeiro movimento visível e dizível. O plano de criação está articulado a um plano de referência; duas máquinas acopladas: a

máquina-ação gera a possibilidade de uma estratégia inventiva, possibilidade de criação.

Para que seja possível colocar a máquina-método (DE ARAUJO, 2016) em prática necessita-se criar um Programa de Procedimentos de Pesquisa, neste caso optou-se por seguir cinco procedimentos;

15.1 Programa de Procedimentos de Pesquisa

Este Programa de Procedimentos de Pesquisa (PPP), baseado em informações do Projeto Escrita de Sandra Corazza (2013) é utilizado para demarcar cada parte do desenvolvimento do trabalho, para que, ao final, o leitor possa entender por quais caminhos pesquisador e pesquisa caminharam e para que possam, de alguma maneira, visualizar toda construção da pesquisa. Ou seja, fornece visibilidade da estética atual da pesquisa; fornece a posição que a pesquisa ocupa em um determinado espaço-tempo de um vetor de deslocamento, que mapeia o percurso pesquisado.

O PPP é dividido em cinco procedimentos; sendo que o ponto zero ou desejo de pesquisa é a via de entrada para o trabalho todo e antecede os procedimentos em si. O primeiro procedimento é o Pensamento de Partida (PP) que em síntese é a ideia inicial do trabalho e que irá motivar o pesquisador a iniciar a construção de sua escrita; O segundo procedimento é a Imagem Dogmática do Pensamento (IDP), é neste trecho que aparecem velhos clichês que são utilizados pelo senso comum; O terceiro procedimento é chamado de Método de Invenção: Problema ou Campo Problemático (MI/P) é aqui onde surgiram as cenas de uma cegueira inventada, como uma tentativa de fazer com que o leitor mude sua forma de pensar acerca da cegueira e crie para si novos valores e uma nova perspectiva sobre ela. O quarto procedimento, chamado de Reversão da Imagem Dogmática do Pensamento R(IDP), acontece como uma possibilidade de pensar a cegueira de uma maneira diferente, sem desmerecer o que já era dito anteriormente, funciona como um ato de resistência; o último procedimento é chamado de Plano de Imanência ou Nova Imagem do Pensamento (PI/NIP), aqui se cria a possibilidade de outros deslocamentos, não interessando o que é certo ou errado, mas sim que o trabalho aconteça.

15.1.1 Desejo de Pesquisa - DP

O ponto zero destes procedimentos é o Desejo de Pesquisa – DP, que é aquilo que me fez escolher a cegueira como temática da minha pesquisa e que surgiu de uma inquietação, curiosidade. Vontade de mergulhar em algo totalmente novo, vontade de quebrar preconceitos e crenças pessoais. Gerar nossos significados para velhos hábitos. Olhar a diferença como ponto de relação. Cada um é o que faz de si: cego, vidente, hétero, homo, preto, branco, amarelo, esquizo, neurótico, homem, máquina, bicho, o limpo, o sujo, o belo, o feio. Deseja-se provar nada a ninguém, somente experimentar a diferenciação que se puder produzir. A partir da descoberta do desejo de partida, torna-se possível iniciar os procedimentos de pesquisa, para que se inicie a construção da dissertação.

O desejo (DELEUZE; GUATTARI, 2011) acontece, enquanto elemento que inaugura o processo de pesquisa, e tem como efeito, por um lado, o percurso percorrido pelos pesquisadores e, por outro, o território da temática de pesquisa que se compõe. Um encontro que acontece em um determinado tempo e em um determinado espaço, e pressupõe que pesquisadores e pesquisas são compostos em um processo de datamento, que agencia a ambos e inaugura uma possibilidade de relação, na qual o território da pesquisa produz-se entre um e outro, por meio da articulação do corpo-pesquisa e do corpo-pesquisador, numa contínua política maquínica de relações e na tessitura de um território de pesquisa (DE ARAUJO; CORAZZA, 2016).

15.1.2 Pensamento de Partida – PP

Pensando a pesquisa como um espaço-tempo de formação, de uma possibilidade para novas interlocuções, de oxigenação de perspectivas e de ampliação de relações de pensamento, pode-se problematizar o modo como acontecem os percursos que compõem o corpo da pesquisa e, por efeito, os modos acionados na produção desse corpo de pesquisa. De um modo simplista, pode-se dizer que, via de regra, quem começa a pesquisar desloca-se intuitivamente pelo território da pesquisa, devidamente acompanhado de um roteiro que orienta o caminho. De algum modo, esse primeiro movimento inclui no percurso de pesquisa a figura do desejo, como elemento que inaugura a composição da necessidade que potencializa o ato de pesquisar. Ou seja, aquilo que se nomeia e se delimita, enquanto um pensamento que confere a possibilidade de um início, de uma partida

do processo de pesquisa, encontra-se preenchido, de antemão, por um compósito de desejos (DE ARAUJO; CORAZZA, 2016).

O meu pensamento de partida foi o desejo de compreender melhor o universo dos cegos, suas maneiras de perceber o mundo, suas subjetividades e vivências. Saber como de fato a cegueira afeta suas vidas. Tentar compreender de outro modo o universo dos cegos, suas maneiras de perceber o mundo, suas subjetividades e suas vivências. Saber como a cegueira conduz suas vidas. A cegueira existe somente para aqueles que não veem? Olhar para a cegueira de outro lugar, pela vontade de gerar uma nova perspectiva para o conceito de cegueira, assim como também, uma vontade de modificar meus modos de dizer e pensar acerca dos cegos e da cegueira, como forma de tentar quebrar com os meus próprios pré-conceitos.

15.1.3 Imagem Dogmática do Pensamento – IDP

As questões metodológicas fazem parte do contexto da pesquisa acadêmica, funcionando como condição de possibilidade, não somente de auxiliar o pesquisador, como também de conduzir a própria pesquisa, o que proporciona que os esforços produzidos assumam um modo determinado de organização. Por essa perspectiva, ocorre a busca por uma garantia do sentido de rigor e de academicidade dos estudos realizados, o que possibilita que vários pesquisadores usufruam de um mesmo modelo de pesquisa, como forma de que possam garantir a aquisição dos resultados desejados. Tem-se um modelo disposto em uma série de etapas, as quais indicam ao pesquisador qual caminho deve ser tomado, quais inferências e interferências devem ser movimentadas. De algum modo, o método funciona como o modo de pensamento da pesquisa, indicando a base do saber e o contexto das relações de poder, que se inscrevem no escopo da pesquisa e do pesquisador. Ou seja, por esta perspectiva, a escolha metodológica caracteriza e explicita a estética do ideal da pesquisa e do pesquisador, o que define, não somente, uma referência teórica, mas também, um conjunto de valores e de posições; relações que vem a compor o regime de verdade da pesquisa e do pesquisador.

De um modo geral, a Imagem Dogmática do Pensamento está impregnada de senso comum. Portanto, o processo da cegueira existe, porém o que é dito e transmitido sobre ela é fabricado. O cego é produzido pelos discursos. Discursos

estes que estão presentes nos mais diferentes meios de comunicação: internet, livros, revistas, jornais, televisão e etc. É importante pensarmos que é a partir destas informações que as pessoas irão formar suas opiniões, pensamentos e juízos sobre a cegueira. É comum ouvirmos opiniões que julgam as pessoas cegas como menos capazes, dependentes, anormais, coitadas. O cego é comumente visto sob a ótica da pena, como vítima de sua própria condição, que torna impossível para o cego possuir uma vida como a de qualquer outra pessoa. Porém, é preciso quebrar com aqueles velhos paradigmas. Modificar as velhas imagens, os julgamentos e os juízos previamente criados por nós e enraizados na sociedade em que vivemos.

15.1.4 Método de Invenção – MI

Um primeiro exercício de formalização da teoria de uma prática de pesquisa, suscita uma teoria do funcionamento da pesquisa, e o conceito de máquina (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, 2011) então funciona, factualmente, como elemento que se apropria do conceito de funcionamento da pesquisa: o que funciona no percurso de pesquisar? Neste caso, o funcionamento da máquina se deu através da criação de cenas de uma cegueira inventada. Não interessa em si a cena, e, sim, a experiência que vem com a cena, que deriva e emana simultaneamente da composição inventiva, que se tem em cena.

Porque é tão importante rotular? Será tão necessário distanciar os cegos dos que veem? A cegueira, sendo um processo, uma forma de percepção, pode estar presente na vida de todos os indivíduos. Existem aqueles que perdem o sentido da visão e são sujeitos cegos, porém, existem aqueles que podem ver, mas que por estarem tão habituados a isto, não enxergam mais; isso, também não se torna um tipo de cegueira? Como método de invenção, para poder pensar a cegueira enquanto processo, criaram-se cenas dramáticas de uma cegueira inventada; cenas que pretendem criar imagens de algumas das diferentes formas de cegueiras existentes e também instigar novas formas de entender a cegueira. Retira-se o foco no sujeito cego para então focar na cegueira enquanto processo e potência de vida e também busca-se mostrar o quanto a cegueira pode gerar nas pessoas (cegas ou não) diferentes formas de agir e experimentar o mundo e a partir disto passa-se a pensar que enxergar é mais um modo possível de perceber a si e ao entorno.

15.1.5 Reversão da Imagem Dogmática do Pensamento – R(IDP)

Ocorre quando a pesquisa tem-se atravessada por novos intercessores, e aquilo que era a pesquisa se tem desafiado naquilo que a pesquisa pode vir a ser, a partir de conjunto de novas relações. O que era de um modo, coloca-se disponível a tornar-se de outro, o que modifica as perspectivas de relação e, por efeito, a ordem e a natureza dos deslocamentos. Aqui se produz uma dobradura do pensamento da pesquisa, e a possibilidade de retornar sobre o Plano de Referência com outro olhar, com novas perspectivas, e sob o signo de novas provocações. Essa relação diferencia a pesquisa dela própria, inclusive em nível de funcionamento, o que provoca um deslocamento tanto de conteúdo, quanto de expressão (DE ARAUJO; CORAZZA, 2016).

Faz-se necessário violentar o pensamento, desacomodar os preceitos, como estratégia de encontrar uma nova forma de perceber a cegueira. Perceber que a cegueira compõe um modo de vida repleto de potências. Não há porque sentir pena dos cegos; visto que esses podem, a sua maneira, construir um mundo próprio e singular, resistindo aos sentimentos de incapacidade e de inadequação impostos, via de regra, pelo senso comum vidente. Perceber que o problema da cegueira e, também o desejo de curá-la, não reverbera do cego e, menos ainda do processo da cegueira, mas, sim, do vidente.

15.1.6 Nova Imagem do Pensamento – NIP

Algo acontece na pesquisa, e acontece pelo próprio deslocamento da pesquisa e pela articulação desses procedimentos torna-se possível afirmar que se pode gerar uma nova forma de pensar a cegueira. As coisas, aos poucos, a cada nova investida, deixam de ser como eram antes e, então, pode-se criar uma nova imagem do pensamento, uma nova perspectiva de problematização; outra visão sobre o processo da cegueira que declina da visão e aposta na potência das relações; alguns dogmas podem ser quebrados e, quem sabe, novas questões podem emergir e produzir uma nova cena da pesquisa e da cegueira.

Não há uma supervalorização nem da cegueira e nem da visão, o que ocorre é a maquinação de uma estratégia metodológica que acontece e funciona, por dobraduras múltiplas e contínuas. Um caminho que vai pinçando suas ideias ao longo da escrita; um conta-gotas inventivo.

16 CENA DE UMA CARTA PARA O FUTURO

Esta cena/texto/carta serve para que eu me conheça um pouco melhor; para que eu nunca esqueça de onde vim e para onde quero ir. Este trecho foi escrito para que a Juliana do futuro leia e relembre seu percurso, é uma carta que se fez no presente, para logo ali se fazer futuro. E o futuro já se fez, neste instante que acabou de passar. Espero que a Juliana do futuro sinta a mesma emoção que a Juliana do presente está sentindo ao escrevê-la. Texto que representa a afirmação de uma escolha e a concretização de um sonho, a de se tornar professora e mestre.

Tenho dificuldades em escrever no impessoal, deve ser porque gosto de mergulhar naquilo que faço de uma forma tão intensa, que me dissociar disso se torna quase impossível. É por isso que escrevi este texto em primeira pessoa, assim como já fiz em alguns outros momentos presentes neste trabalho.

Falar de si não é fácil, porque é muito mais difícil olhar para si mesmo do que olhar para os outros. Posso dizer que nunca soube muito bem o que queria para minha vida, vivi mais naquela onda de “deixa a vida me levar” do que tomando as rédeas dela. Mas eu sempre soube muito bem o que eu não queria, acho que isso já é um bom caminho.

Início uma apresentação cronológica: Hoje é dia 27 de outubro de 2016, são 03h19min (sempre preferi as madrugadas). Chamo-me Juliana, tenho 28 anos recém-feitos. Estudei sempre em escolas públicas, me formei no curso técnico em Química no IFSul e também em Ciências Biológicas na UFPel. Fiz estes cursos porque achava que iria gostar de trabalhar em laboratório, mas com as práticas, percebi que meu perfil não era bem esse. Gosto mais de trabalhar com pessoas do que com bactérias, fungos, medicamentos ou qualquer outra coisa que não vá interagir comigo. Foi, então, no final da minha graduação no Bacharelado em Ciências Biológicas, que decidi ser professora. Espero que a Juliana do futuro não tenha desistido dessa decisão tão importante para a Juliana do presente.

Na verdade, ser professora sempre foi minha vontade. Desde criança. Minha brincadeira preferida era com o quadro negro e o giz nas mãos. Porém, apesar de ser filha de professores e de ter seis tias professoras na família, tentei fugir deste caminho, ouvindo os conselhos delas, que acreditavam estar me ajudando, quando me diziam para não pisar em uma sala de aula. Mas foi ali, dentro de uma sala de aula onde eu me senti realizada pela primeira vez. Foi em 2015 quando dei minha

primeira aula, como professora voluntária de Biologia, em um curso pré-vestibular para alunos de baixa renda. Espero que a Juliana do futuro ainda lembre como se sentiu orgulhosa ao ser chamada de professora pela primeira vez.

Posso estar romantizando a docência, posso estar sendo irreal e sonhadora, mas eu acredito na profissão docente. Quero e amo querer ser professora. Porque o professor tem o poder de incentivar as pessoas a serem melhores, tem o desafio de estimular o pensamento crítico. O professor pode criar elos de amizade com seus alunos, elos de afeto, carinho e empatia. Pode criar vínculos que transcendam o limite aluno-professor. Pode aprender cada dia algo novo. Ser professor é possuir a imprevisibilidade nas mãos, não prever nada, cada dia é único, cada dia é uma surpresa diferente. Não há mesmice e nem rotina. As Julianas do passado e do presente não gostam de mesmice, acredito que a Juliana do futuro também vai seguir não gostando.

É claro que, como em qualquer outra profissão existem ônus e bônus. Existe a desvalorização profissional, o descaso dos governos com a classe. Professores que descontam tudo em cima dos alunos. Professores desmotivados. Alunos desmotivados. Alunos que não respeitam a si e também aos professores e vice-versa.

Mas, apesar do crítico quadro atual da educação, onde um governo golpista tenta aniquilar ainda mais com o pouco que resta para a educação; congelar os investimentos em educação por 20 anos; fazer uma reforma no ensino médio retirando a obrigatoriedade de disciplinas tão importantes como Filosofia, Artes, Educação Física e Sociologia; disciplinas estas que são fundamentais para a formação do pensamento crítico do aluno. Um governo que pretende transformar os jovens em massa servil e retroceder historicamente naquilo que a duras penas foi conquistado. Apesar de todos estes pesares, não me arrependo da escolha que fiz. Espero que a Juliana do futuro também não tenha se arrependido.

Ainda acredito que a educação é o caminho, que é através dela que as pessoas podem chegar mais longe, sonhar mais alto. Sonho que um dia o professor não se sinta inferiorizado pela escolha que fez, mas que seja exaltado por ela.

Escolhi ser professora porque eu gosto de me relacionar com gente, gosto de pessoas, gosto de conversar e interagir com elas. Não gosto de lugares onde não posso conversar. Gosto de sentar em uma mesa de bar, com um copo de cerveja gelada e conhecer gente nova. Sou um tanto boemia, gosto mais da noite do que do

dia, apesar de ser fortemente apaixonada pelo sol, só o sol é capaz de me tirar da cama com alegria. Adoro dançar, festejar a vida. Gosto de banho de mar gelado, gosto de caminhar pelas ruas observando as casas e principalmente as árvores e flores. Flores; sou apaixonada por elas. Também gosto de bichos, mas prefiro gente.

Não gosto de vento, não gosto de chuva, não gosto de acordar cedo. Sou noturna, lembra?

Gosto de beijo e de abraço. Gosto de gente sincera, conversa jogada fora. Gosto de saber do que o outro gosta. Gosto de não estar namorando, mas também gosto de namorar.

Gosto de ficar sozinha, mas não gosto de me sentir sozinha. Meu maior medo é a solidão, daquelas acompanhadas, sabe?

Acredito no amor e nas pessoas. Quero me apaixonar de novo e quero que esse amor seja eterno (pelo tempo que tiver que durar). Amo tanto algumas pessoas que chega a doer, quero seguir me doendo e me doando assim. Amor é o que me move.

Sou ansiosa, quero tudo para ontem. Amo viajar, conhecer lugares novos e pessoas diferentes. Sou intensa, ou é tudo ou é nada. Me apaixono rápido, mas não esqueço tão rápido assim. Tenho coração ingênuo, não guardo mágoa, mas me magoo fácil.

Não gosto de mentiras, acho a sinceridade uma grande virtude. Apesar de minha sinceridade às vezes chocar algumas pessoas.

Sou romântica, emotiva, chorona, bastante brava e muito impulsiva.

Não sei dizer quem eu sou, e quero continuar sendo muitas coisas, posso ocupar muitas posições diferentes e ter várias versões diferentes de mim. Sou multiplicidade e essa foi uma das coisas que aprendi no mestrado. Aprendi que não sou, mas estou.

Aprendi também que o mundo não para de girar para que eu possa chorar minhas dores e que a dor é necessária para que eu possa valorizar os momentos de felicidade e crescer enquanto pessoa. Não há dor eterna e não há felicidade que dure para sempre também.

Aprendi que tenho que fazer escolhas e afirmá-las. Afirmar a vida que eu tenho e também mudar de vida quantas vezes eu quiser. Aprendi a respeitar e a valorizar as diferenças e que as coisas não são tão simples quanto parecem ser. Aprendi que eu posso me conhecer, saber do que eu gosto e não gosto; cultivar-me;

amar-me; respeitar-me. Estar bem comigo mesmo, cuidar de mim. Pois, somente assim eu poderei tomar atitudes coerentes com aquilo que eu penso e desejo.

Espero que a Juliana do futuro não tenha deixado de amar intensamente, que tenha se dedicado a profissão docente com amor e entusiasmo. Que não tenha perdido a ingenuidade, que não tenha deixado de acreditar que as pessoas podem mudar e que elas são boas. Que ela tenha feito mais algumas tatuagens, todas com significados fortes como a primeira. Que ela tenha se casado com vestido de noiva e formado uma família. Que ela tenha dançado tango, aprendido a meditar e a falar inglês. Que ela siga se encantando quando vê uma flor, um inseto, um filhote, um bebê ou um casal de velhinhos. Que ela consiga ter o seu velhinho e que ela olhe para ele com as mesmas certezas que a fizeram se encantar no começo. Que ela tenha tido um fusca e morado sozinha por um tempo. Que ela mantenha aquela sede de viver e de conhecer coisas novas. Que a Juliana do futuro siga sendo uma criança grande, que siga levando a vida da forma mais leve possível, que tenha gratidão à vida, aos encontros e desencontros. Que se perca e se ache muitas vezes e que ela afirme a vida que escolheu quantas vezes forem necessárias.

Enfim, que em um futuro não tão distante, a Juliana possa inventar as cenas dramáticas de uma vida e que elas sejam e tenham o cheiro e o sabor de um desejo irrestrito de viver.

17 UMA CENA DE ATÉ LOGO

Na parte inicial deste trabalho, a autora estava mais preocupada com os sentidos empregados na cegueira, desejava entender como os sujeitos cegos conseguiam se adequar a um mundo quase que totalmente visual. Gostaria de entender como funcionava para eles a compensação de sentidos, a falta da visão fazia com que seus outros sentidos ficassem mais aguçados, mas de que forma? Desejava também compreender como os cegos eram capazes de criar as imagens em suas imaginações, uma vez que nunca as teriam visto antes. Gostaria de compreender como se entendiam enquanto sujeitos cegos. Seu desejo inicial era de tentar entender o cego pelo cego e tentar provar para ela mesma e para os outros que é possível não possuir o senso da visão e mesmo assim possuir uma vida “normal”.

O foco principal do trabalho era no sujeito cego, em suas relações consigo mesmo e com o mundo; seu desejo era quase físico; tentava imaginar sensorialmente como as coisas funcionavam para um cego. Mas como seria possível para ela, uma vidente, provar do gosto da cegueira? Porém, experimentar no seu corpo as sensações que a falta da visão gera no sujeito cego era impossível.

Portanto, após a qualificação e ao longo das leituras realizadas, a pesquisa e a pesquisadora foram se percebendo outras. Aquela autora do início do trabalho já não era mais a mesma, não existia mais. Ela se modificou, seu desejo e o seu conceito de cegueira também. Deixou de ser tão ingênua; as coisas não são tão simples quanto parecem ser. Começou a perceber o quanto os indivíduos são moldados ao longo de suas vidas; para serem aceitos, para serem iguais, para fazerem parte de um grupo; um clã. Precisam se enquadrar, se identificar, se parecer, se igualar. Precisa-se estar dentro de uma zona de normalidade, tudo aquilo que sai desta zona é capturado de alguma forma e jogado em um grupo onde haja sujeitos semelhantes.

Neste trabalho, porém, o sujeito cego não deixa de ser importante, pois fez repensar no quanto sua deficiência visual o enquadra fora dessa zona de normalidade (FOUCAULT, 2013) e o faz ser capturado por outras instituições, com o intuito de lhe dar subsídios para possuir uma vida o mais parecido possível com a vida dos videntes.

Porém, o modo de funcionamento de vida do sujeito cego, neste trabalho, se tornou secundário. Não é mais interessante saber como o cego percebe o mundo ou como se entende como cego. Ao pensar sobre a forma como nos constituímos enquanto sujeitos múltiplos de nós mesmos; passou-se então a perceber que o sujeito cego também é muitos e que não precisa ser reduzido à sua falta de visão.

Ao tentar compreender o que é a cegueira e como ela se tornou o que é, passou-se a concebê-la de uma nova forma, começou-se a perceber que a cegueira é mais do que um modo de vida, ou um modo de funcionamento de vida. Passou-se a ver a cegueira enquanto processo e a compreender que não é necessário possuir algum tipo de deficiência visual para possuí-la.

A partir deste momento, cria-se para a pesquisadora e para a pesquisa, uma nova forma de entender e pensar a cegueira; ela deixa de ser analisada a partir dos sentidos físicos e motores e passa a ser olhada pelo campo da sensibilidade, das sensações. Sensibilidade que transcende o ato de enxergar, o ver ou não ver.

A cegueira deixa de ser a falta de visão e passa a ser um processo que ocorre devido ao excesso de luz, ao excesso de peso, de informação. A cegueira passa a ser o processo sensível, que permite àquele que pode enxergar, a possibilidade de cegar-se quando julgar necessário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francis Moraes de. Os anormais. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 16, n. 8, p.360-367, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a13n16.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

BACH, Richard. **Fernão Capelo Gaivota**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 84 p.

BORTOLINI, Elisa. **Deficiência visual, corporeidade e tecnologia::** um estudo sobre a construção da imagem corporal e a expressão da sexualidade por pessoas com deficiência visual em ambientes virtuais. 2014. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Habilitação em Relações Públicas, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **O olhar**. Guarulhos: Grupo Companhia das Letras, 1988. 528 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didática da tradução, transcrições do currículo: escrituras de AICE (Autor, Infantil, Currículo, Educador)**. Estágio de Pós-Doutorado Sênior (CNPq, PDS n.151581/2013/4), de 01 de março a 31 de agosto de 2014. (Supervisor: Prof. Dr. Julio Groppa Aquino/USP.) Porto Alegre, 2013, 36 p. (Texto digitalizado).

DE ARAUJO, Róger Albernaz. ENUNCIÇÃO DE SI: ficções possíveis. In: CUNHA, Ana Paula de Araújo; ROSTAS, Márcia Helena Sauer Guimarães; FREITAS, Luciane Albernaz de Araújo. **Muitos caminhos, um destino: conversas sobre educação**. Pelotas: IFSul, 2015.

DE ARAUJO, Róger Albernaz. **MÁQUINA-MÉTODO: ensaios de um devir-metodológico**. In: BARREIRO, Cristhianny; CASTRO, Beatriz Helena. Narrativas de pesquisa em educação: teoria e prática. Porto Alegre: Observatório da UFRGS, 2016.

DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. **Pesquisar: uma atitude didático-tradutória de escrever a vida**. II Simpósio de Pós-doutorandos, Porto Alegre, nov. 2016.

DELEUZE **Abecedário**. 1988. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7fxDisNaqGI>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011. 208 p.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução de Luiz. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo. Brasiliense, 1991. 142 p.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1-15. jun. 1999. Disponível em: <[http://www.filoczar.com.br/filosoficos/Deleuze/Gilles Deleuze - O ato de Criação.pdf](http://www.filoczar.com.br/filosoficos/Deleuze/Gilles%20Deleuze%20-%20O%20ato%20de%20Criação.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2ª. Edição; São Paulo. Editora 34, 2011, 560p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995, 96p.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997, 240p.

DIDEROT, Denis. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/23-Diderot-Coleção-Os-Pensadores-1979.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

FOLKES, A. Daring the Truth: Foucault, Parrhesia and the genealogy of critique. **Theory, Culture & Society**, London, p. 1-26, Jan. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: **Ditos & escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 99-116.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: M. Fontes, 2010. 702 p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013.

GALLO, Silvio. **FOUCAULT e a educação**. Campinas: Atta Mídia e Educação, 2014. P&B. Disponível em: <https://youtu.be/3eQgOy_5lbg>. Acesso em: 20 set. 2016.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

INFANTE, Anelise. **Chef cego dirige restaurante na Espanha**. 2007. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/12/071218_cozinhamadriec.shtml>. Acesso em: 26 fev. 2016.

Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=94>>. Acesso em 25 fev. 2016.

Janela da Alma. Direção de João Jardim, Walter Carvalho. [s.i], 2001. (73 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg>. Acesso em: 25 jul. 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Barcelona, v. 1, n. 19, p.20-28, jan. 2002.

LEME, Maria Eduarda Silva. Cegos e cinema: Revendo algumas concepções sobre a cegueira. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 1, n. 16, p.61-72, jun. 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo. Abril Cultural, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espelho**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 168 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. Tradução: José Arthur Gianotti, Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MORAES, Daniela. **Inclusão escolar de alunos com deficiência visual utilizando as tecnologias de informação e comunicação (TICs)**. 2012. 38 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Mídias na Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MORIN, Edgar. **O Método**, Mem Martins, Publ. Europa-América, 1987. 230p.

NETTO, Carmo Gallo. Um novo olhar sobre o desenvolvimento da linguagem entre crianças com cegueira. **Jornal da Unicamp**. Universidade Federal de Campinas, p. 11-11, maio 2007.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli de. **Do Essencial Invisível: arte e beleza entre os cegos**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002. 248 p.

O que as alucinações revelam sobre nossas mentes. [s.i]: Ted Ideas Worth Spreading, 2009. Legendado. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/oliver_sacks_what_hallucination_reveals_about_our_minds?language=pt-br>. Acesso em: 20 out. 2015.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. 360 p.

SANTOS, Sueli Souza dos. **Linguagem e Subjetividade do Cego na Escolaridade Inclusiva**. 2007. 202 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Jaime Batista da. **Mesmo após ficar cego, médico de SC não abandona a profissão**. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/vc-reporter-mesmo-apos-ficar-cego-medico-de-sc-nao-abandona-a>>

profissao,e325813ba8c7f310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 25 fev. 2016.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.10-23, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAIZBORT, Leopoldo. (org.) **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: EDUSP. 2001.